



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

VICTOR LINO BERNARDES

EDUCAÇÃO, INDIVÍDUO, CULTURA E SOCIEDADE: DA CIDADANIA
PLANETÁRIA À PEDAGOGIA DA TERRA.

Brasília - DF

2013

VICTOR LINO BERNARDES

EDUCAÇÃO, INDIVÍDUO, CULTURA E SOCIEDADE: DA CIDADANIA
PLANETÁRIA À PEDAGOGIA DA TERRA.

Monografia apresentada junto ao
curso de Pedagogia da Universidade de Brasília,
a área de concentração em Educação e Multiculturalismo,
como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ramos Coêlho Filho

Brasília - DF

2013

VICTOR LINO BERNARDES

EDUCAÇÃO, INDIVÍDUO, CULTURA E SOCIEDADE: DA CIDADANIA
PLANETÁRIA À PEDAGOGIA DA TERRA.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Ramos Coêlho Filho

Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Claudia Valéria de Assis Dansa

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha

Universidade de Brasília

Brasília, 23 de abril de 2013

À Mãe Terra e a todos os seus filhos e filhas.

Agradecimentos

Agradeço a meu pai, Rogério, por nossas incansáveis conversas na cozinha e por seu jeito engraçadíssimo que sempre me fez sorrir. Agradeço a minha mãe, Renata, por todo o apoio nas horas difíceis, pelas chamadas que me traziam para a Terra, me lembrando de Cuidar tanto de mim mesmo como de tudo aquilo que está ao meu redor. Agradeço a ambos por todo amor e principalmente, a liberdade que me deram, para que eu pudesse me experimentar das mais diversas formas, sem que jamais me sentisse só.

Agradeço a minha irmã Gabriela, pelo seu abraço fofo e por sempre me lembrar da necessidade de respeitar as pessoas da maneira que elas são e pela importante mensagem, de que jamais devemos deixar os nossos sonhos.

Agradeço a minha irmã Carolina, grande mulher, que a cada dia que passa me inspira com sua força e determinação. Agradeço-a também por trazer ao mundo esta fonte de alegria que é meu pequeno sobrinho Henrique.

Agradeço a toda minha família, pelo amor, por acreditarem em mim e pela alegria que nunca nos faltou.

Agradeço a minha companheira de caminhada Thaíssa Quintas, por seu amor, carinho e compreensão, pela paciência e acolhimento de minhas inquietações, principalmente no momento em que escrevia este trabalho.

Agradeço aos meus amigos do tempo de escola, Guilherme Orelli, João Paulo Coelho, Marcelo Camargo, Felipe Nobuyuki, Henrique Martins, Pedro Bias, Carlos Gadelha, Adélio Henrique, Ana Carolina Santos e Rogério Salas por todas as presepadas que aprontamos juntos, por toda autenticidade que carregam, pelas descobertas da adolescência e pela alegria, que apesar da distância, compartilhamos cotidianamente.

Sou infinitamente grato aos meus amigos e irmãos, Michael Costa e Vinícius Magno por incessantemente insistirem para que eu continuasse a meditar, por terem me colocado em contato com o professor de meditação Satya Narayan Goenka, a quem também expresso reverência e infinita gratidão, por ter me apresentado à dimensão prática dos ensinamentos do Buddha Siddharta Gotama.

Agradeço meus amigos, mestres e mestras da graduação Vinícius Marquês, Wesley Oliveira, Mateus Oliveira, Virgílio Soares, Marina Corrêa, Deise Rocha, Maíra Gussi, Sérgio Reis, Nathália Barros, Tainara Vital, Léo de Lacerda e Guilherme Silva por todo o carinho, por serem

verdadeiramente amig@s, pelos momentos que compartilhávamos *insights* que nossas palavras eram incapazes de expressar, mas que a sintonia de nossos corações era capaz de compreender. E registro, que sem eles, jamais teria chegado até aqui. Gratidão!

Agradeço aos meus queridíssimos amigos Yuri Bonfin e Heloá Escalante, por nossa sintonia fina, por nosso amor gigante, por sonharmos e realizarmos o processo que deu origem a este trabalho.

Agradeço aos imensos corações do Professor e Mestre Paulo Coelho, e de sua esposa e Mestra, Karla Coelho, que me acolheram e pacientemente me auxiliaram, na construção deste trabalho, também os agradeço por me auxiliarem no contínuo desenvolvimento de uma escuta capaz de ouvir a voz do coração.

Agradeço a esta figura incrível que conheci recentemente, o Professor, Mestre, biólogo conhecedor profundo da floresta amazônica, Victor Py Daniel, por sua excelência na arte de escutar sensivelmente, olhar cuidadoso, questionamentos e ensinamentos capazes de revolucionar a caminhada daqueles que tem oportunidade de se relacionar com ele.

Não poderia deixar de agradecer a esta linda família espiritual que encontrei recentemente, a Fraternidade Flor da Terra. Sou grato por todo o Amor e Sabedoria que emana coração de cada ser que conheci neste lugar.

Agradeço a toda a Comunidade da Faculdade de Educação. Agradeço a Lu, guardiã dos dois candangos, por ser minha guardiã e pelas boas gargalhadas que demos ao longo desses anos. Agradeço a Dona Rita, por suas tapiocas recheadas de sabedoria. Agradeço a meus professores, por compartilharem comigo suas visões e agradeço principalmente àqueles professores que me ensinaram através do exemplo, ao serem íntegros e impecáveis em sua conduta. Agradeço as árvores, gramado, pedras e pássaros da Faculdade de Educação, por me ensinarem o valor de parar e contemplar.

Agradeço ao Buddha Siddharta Gotama, aos ensinamentos proferidos por ele e a todos aqueles trabalham por sua difusão. Agradeço a todos os seres cósmicos de Luz, Paz e Amor que se ocupam com difusão de tudo aquilo que elimina o sofrimento e nos conduz a Felicidade.

Amém! Awirí! Axé! Namastê!

BERNARDES, Victor Lino. Educação, indivíduo, cultura e sociedade: Da cidadania planetária à pedagogia da Terra. Brasília-DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2013.

Resumo

Este ensaio consiste numa reflexão sobre o momento histórico onde nos encontramos, momento de crise paradigmática, onde em função da revolução da comunicação e tecnologia, as distâncias entre os habitantes do planeta terra, cada vez menores e os impactos pelas decisões tomadas, tanto pelas nações, como por cada indivíduo são percebidas por todo o planeta em curto espaço de tempo. O objetivo deste ensaio é contribuir para os atores da educação através da elucidação dos desafios a serem enfrentados pela educação no séc.XXI. Também expressa as percepções e considerações que foram fundamento para a construção e execução de um processo pedagógico que tem a Terra e o Seres humanos como paradigma, onde a construção do conhecimento era elaborada a partir das compreensões de mundo dos indivíduos. Aliado a esta compreensão que se construía, os alunos eram estimulados a mergulharem dentro de Si, em busca de compreensão e proposições para os próprios desafios, e conseqüentemente, do mundo.

Palavras chave: Consciência, Cultura, Educação e Pedagogia.

Abstract

This work is a reflection about the historic moment that we've been passing through, moment of paradigm crises, where in function of the communication and technological revolution, the distances between the earth lovers has become so straight and the impacts of the decisions made by nations and even by individuals are perceived around the planet in a short space of time. The objective of this work is to contribute with the actors of education, through the showing up of the challenges that will need to be faced up by education in 21st century. It also express the perceptions and considerations that were the basis of a pedagogical process which had as its paradigm the Earth and Human beings, where the construction of the knowledge departed from the individuals comprehension of the world. Allied to the comprehension that was being constructed, the students were stimulated to dive deep in their selves in search of comprehension and propositions to their own challenges, and consequently, the world challenges.

Key words: Consciousness, Culture, Education and Pedagogy.

Sumário

Capítulo 1 – Memorial

De onde vim e onde cheguei.....	13
---------------------------------	----

Capítulo 2 – Educação e Cultura no mundo contemporâneo

Educação, Cultura e Indivíduo.....	25
Etnocentrismo contemporâneo. O Etnocentrismo Universalizante e o Relativismo Cultural.....	29
A Planetarização irreversível e a multiculturalidade no mundo contemporâneo.....	33
O choque de civilizações e a construção de uma cidadania planetária solidária.....	36
Uma ética para o novo milênio.....	37
As organizações internacionais e a busca por princípios gerais para a sociedade planetária.....	39

Capítulo 3 – Pedagogia da Terra e Cidadania Planetária

A Pedagogia da Terra e a reintegração do homem na Natureza e no Universo.....	45
A Libertação humana e o fim da dominação e do imperialismo: Pedagogia do Oprimido.....	48
Do Admirável Mundo Novo à Ilha.....	51
Uma breve história da Psicologia Transpessoal.....	53
A Terra Olha para dentro: Psicologia Transpessoal e as pesquisas da Consciência.....	54
Tradições e os Estados de Consciência.....	57

Os estados e estágios de consciência e os quadrantes de Ken Wilber.....	61
Abrindo a Lente.....	64
Considerações finais.....	69
Referências Bibliográficas.....	74

CAPÍTULO 1: MEMORIAL

De onde vim e aonde cheguei.

Nasci na cidade de Taguatinga e se há alguma coisa a qual devo agradecer infinitamente aos meus pais, além do conforto e da possibilidade de estudar, é a liberdade com que me criaram. Meus pais são filhos de Taguatinga, ao iniciar este trabalho a professora Cláudia Dansa com quem estive envolvido no Programa Nacional de Educação e Reforma Agrária (PRONERA) me instruiu para que fizesse uma pesquisa sobre minha história, mas não a história que começava com a minha própria história e nem a de meus pais, mas a de meus avós, bisavós e tataravós.

Para minha surpresa, me redescobri, me vi enquanto um pedaço de história muito maior, que nunca teve início e nunca terá fim. Portugueses, espanhóis, holandeses, africanos e indígenas, coronéis, comerciantes, agricultores, escravos e guerreiros. Milhares de histórias que se encontraram na nova capital do lugar nomeado Brasil, possibilitaram a existência deste ser que nomearam Victor.

E assim nasci, filho de pais muito novos, que se esforçaram bastante para dar a mim uma vida com qualidade. Ao escrever este trabalho vivi uma verdadeira catarse, me lembrei de passatempos da infância, como aos quatro anos de idade frequentemente buscava ficar isolado e colocava um disco de remixes de rock'n'roll dos anos 50 e dançava sozinho até ficar cansado. Me lembrei também de que, as vezes, me deitava na cama e buscava uma quietude que me levava a sentir como seu meu corpo começasse a flutuar.

Na escola, antes de me encontrar com a matemática e as ciências tudo ocorreu muito bem. Na medida em que estes componentes curriculares se complexificavam, comecei a ter problemas. Fazer as tarefas de casa, durante o período de escola, jamais se tornou um hábito para mim. Era tido como um aluno desordeiro, que tinha formigas na bunda e não conseguia permanecer em seu lugar.

De meu pai, herdei um espírito brincalhão, que se interessava muito mais em alegrar os colegas, fazendo algo engraçado para quebrar a monotonia da sala de aula, do concentrar a minha atenção naquilo que o professor falava. É interessante, mas sempre me questioneei o por quê daquilo tudo. A resposta de que aquilo era bom para meu futuro, jamais me convenceu. E assim tive uma vida escolar turbulenta, fui expulso de escolas em função de minhas bagunças e vivi reprovações também. Desenvolvi uma apatia muito grande a escola. Houve o tempo em que ia para escola por que era obrigado, uma outra razão era mesmo pelas pessoas, conversar, sorrir e principalmente pelas meninas.

Gostava de cinema, livros, desenvolvi verdadeira devoção pela música, história da música e jogos eletrônicos. Quando criança brincava muito na rua, tive a sorte de viver em uma rua segura e com muitas crianças, mas dos 11 aos 14 vivi um isolamento absurdo em função do computador, jogos eletrônicos e internet.

Ao final do ensino médio, não havia muito o que querer. Desejava apenas uma vida segura, fazer um curso de odontologia numa universidade particular e depois poderia trabalhar no mesmo estabelecimento que meu pai. Poderia comprar tudo aquilo que quisesse, me casar, ter filhos e viver feliz para sempre.

Em uma desavença que tive com meu pai, ele me fez uma das coisas mais importantes que acredito ter feito por mim em vida. Me disse, que não pagaria para mim uma faculdade e que se eu quisesse fazer uma, que eu estudasse e passasse em um vestibular de alguma faculdade pública.

Fui fazer cursinho e no cursinho vivi a amargura de não ter estudado no período em que estive na escola. Fiz vários cursinhos até conseguir ingressar na universidade. Nunca conseguir estudar muito, comecei a sair nas ruas de Taguatinga, todo dia era dia de ir pra praça. Ia pra praça, ia para a noite, e lá conhecia uma outra realidade, skatistas, rappers, viciados, bandidos, prostitutas, mendigos, loucos, filósofos, poetas, artistas, góticos e um infinidade de tipos diferentes, aquilo me fascinava, havia ali uma dinâmica única que juntava as pessoas não por causa de suas obrigações, mas por causa de suas afinidades e o mais interessante, é que também as repelia de acordo com nossas afinidade. Foram anos vivendo as noites e a rua.

E foi numa dessas andanças na rua, que conheci o Ponto de Cultura Invenção Brasileira. Senti uma vontade enorme de fazer teatro e um amigo me indicou esse espaço. O teatro foi a chave para minha escolha em fazer o curso de Pedagogia. Pela primeira vez, fazer graça e fazer os outros rirem era algo levado a sério. Foi a onde aprendi o respeito, neste espaço fui pela primeira vez levado a sério. É cômico pensar, que quando fui palhaço é que fui levado a sério. Conheci a seriedade, a responsabilidade de estar em um coletivo que constrói e apresenta um trabalho. Trabalhávamos com o chamavam de Teatro Popular, o teatro popular buscava de maneira cômica, apresentar aos expectadores as mazelas e os descasos existentes na sociedade, buscávamos tocar o povo, revitalizando-os e incentivando a inquietude diante de tais descasos.

Passei alguns anos no teatro, brincando o palhaço Mateus e outros personagens. Percebi que a arte me ensinara coisas que eu jamais havia aprendido na escola. Me ensinaram a observar, a falar, a ouvir e a parar. Quando me percebi aprendendo tantas

coisas diferentes e sendo tão diferente, me perguntei, por que isso não é ensinado nas escolas? Meus pais devem ser um dos poucos pais que incentivam o filho a fazer artes cênicas, apesar disso eu estava convicto, queria estudar educação. Me lembro do dia em que vivi uma espécie de surto onde tudo para mim era visto como educação. E talvez foi essa minha pretensão enorme, de querer compreender tudo, que me fez escolher pedagogia.

Paralelamente a este envolvimento com o teatro, com as diversas tribos urbanas, minha devoção pela música era enorme. Me interessava muito pelo rock dos anos 60, o movimento hippie, a contra-cultura e o verão de 68. Era muito interessado por esta época e me deparei com alguns autores que influenciaram bandas de rock dos anos 60, como Aldous Huxley seu livro *As Portas da Percepção*, os doutores de Harvard Richard Alpert (que posteriormente se tornaria Ram Das) e Timothy Leary e a tradução moderna que fizeram do *Livro Tibetano dos Mortos*, nomeada de *A Experiência Psicodélica*. Ao ler *As Portas da Percepção* e *Céu e Inferno* pela primeira vez, eu tinha cerca de uns 16 anos e estava decidido que em algum momento da minha vida eu iria viver algum tipo de experiência semelhante a que Huxley narrava em seus livros.

Aos 20 anos conheci na rua três amigos que tinham uma mesma atração pelo tema, de maneira muito orgânica nos organizamos como um grupo de estudos que buscava entender, principalmente através do que Leary e Huxley relatavam sobre essas experiências, falavam sobre benefícios e possibilidade de nos tornarmos seres melhores e mais esclarecidos a cerca de nossa condição humana. Mas, minhas grandes perguntas foram, o que é isso que acontece nessas experiências? Que experiência é essa que apesar de ser nova, nos dá sempre a ideia de que já conhecemos aquilo em algum momento? Como mentalidade se relaciona com materialidade? Em que medida essas experiências podem ser benéficas? Durante três anos buscamos várias formas de alteração da consciência, foi também neste momento em que tive meu primeiro contato com o budismo, que se tornou assimilável apenas após a experiência em outros estados de consciência.

Após este encontro de interesses, creio que em função de estarmos tão comprometidos com o tema, não demorou muito para tomarmos consciência de que estávamos no meio de uma das maiores concentrações de Igrejas Ayahuasqueiras por metro quadrado do país, depois do estado do Acre. Recebi vários convites, mas até então existia uma ojeriza em relação às instituições religiosas, recebi vários convites e os recusei, até que no primeiro semestre 2007 fui até o Centro de Cultura Cósmica e

experimentei pela primeira vez a Ayahuasca. Foi sem sombra de dúvidas, e é até hoje uma das maiores experiências que já vivi. Me lembro do sentimento de gratidão que expressei pelo amigo que me levará até o local. Fiquei muito interessado, afinal aquilo era legalmente admitido e era até então a única via legal que tínhamos para vivenciar aquilo que era compartilhado pelos autores que estávamos lendo.

A partir daí, busquei conhecer a cultura ayahuasqueira de Brasília, estive em vários centros, e durante um tempo não permaneci em nenhum. A cada vez que vivia a experiência, novos elementos eram percebidos, minha visão sobre a vida e sobre as coisas pareciam se transformar de maneira muito rápida. Havia um senso que, aos poucos, fui desvelando coisas sobre mim mesmo.

Assim que passei no vestibular foi também quando cheguei até o Centro Enteogênico La Flor (CELF). O centro é até hoje dirigido pelo senhor Guerdes que recentemente lançou o livro “O Caminho da Ayahuasca”, livro muito esclarecedor que fala sobre as instituições religiosas que fazem a utilização da Ayahuasca em seus rituais. Frequentei o CELF durante oito meses, percebia em mim transformações radicais na maneira como via e sentia o mundo. Tinha profundos insights filosóficos sobre a existência, visões sobre meu passado, compreensões sobre determinados aspectos de minha formação. Havia uma característica terapêutica, que se apresentava no momento em que eu me tornava uma espécie de terapeuta de mim mesmo, era possível tomar consciência de comportamentos indesejáveis que me acompanhavam e que influenciavam tanto a mim mesmo como a todos com quem mantinha contato. Outra coisa que se apresentava muito forte, era o quanto eram poderosas e influentes, a maneira como nós nos relacionamos com os outros, meus elos com o outro se tornavam tão estreitos que não havia mais a percepção de individualidade, de desconexão do outro, eu era o outro, era capaz de compartilhar tanto de suas alegrias como de seus sofrimentos como sendo os meus próprios. Despertará em mim também, um profundo sentimento de pertencimento a algo maior, à Teia da Vida, eu novamente me reconhecia como parte da Natureza. Esse pertencimento, certamente influenciou minha escolha, em me dedicar durante a graduação, ao pensar e o fazer da Educação Socioambiental.

Mas, durante as experiências com a ayahuasca, comecei a me questionar sobre o que estava fazendo, me lembro que pensava: “estou aqui, vendo um monte de coisas, e se isso for tudo alucinação? Afinal, eu bebi um alucinógeno.”

Foi justamente quando comecei a duvidar da própria experiência. Os mesmos amigos de grupo de estudos, compartilharam comigo a possibilidade de realizarmos tais

estados, sem a utilização de chaves externas. Eles haviam investigado um curso de meditação, onde se passava dez dias em completo silêncio, praticando meditação por volta de dez horas por dia. Lembro-me que dei uma credibilidade maior ainda ao curso, pois a professora Rosângela Correa da Faculdade de Educação, durante a disciplina de Educação Ambiental comentara comigo que havia feito o curso e que era uma experiência valiosíssima capaz de transformar profundamente aqueles que a viviam.

Não demorou nem um mês para que eu estive fazendo o curso. Durante dez dias somos convidados a simplesmente observar, primeiro a respiração, e depois, as sensações do corpo. Jamais imaginei que este simples ato, exercido durante cerca de dez horas por dia e durante dez dias poderiam ser algo tão intenso. Tratava-se de um seminário sobre a teoria e prática da meditação budista. De imediato chamou muita minha atenção, a racionalidade, a lógica e o pragmatismo existente na investigação de mente e corpo feita pela tradição budista. Não era necessário acreditar em nada, bastava praticar e experimentar aquilo que íamos observando a cada instante. A prática de concentração, com a meditação *anapana*, refina o grau de percepção, expande-se consideravelmente o raio de atuação de nossos sentidos, os sentidos ficam extremamente aguçados. Ao meditar *vipassana*, mergulhamos na observação de corpo, sensações, mente, conteúdos da mente e a interação entre estes quatro. Descobrimos condicionamentos, máscaras, traços comportamentais, e a ausência de consciência que nos leva à reagir aos acontecimentos do cotidiano de modo a gerar cada vez mais sofrimento para nós e para todo o mundo que nos cerca e que de certa forma somos nós mesmos.

O que me surpreende nesta experiência de meditação é a possibilidade muito prática de cultivarmos virtudes capazes de beneficiar a nós e a todos que entram em contato conosco. As vezes, até me pergunto, se somos nós que cultivamos ou se simplesmente deixamos florescer aquilo que já está em nós. O budismo theravada definiu dez perfeições que são também chamadas de virtudes que no idioma páli recebe o nome de *paramis*, há divergências entre as escolas budistas quanto ao seu número, os sarvastivada elencam seis, já os theravada relatam dez *paramis*: generosidade (*dana*), virtude (*sila*), renúncia (*nekkhamma*), determinação (*adhittana*), energia (*viriyā*), paciência (*khanti*), amor incondicional (*metta*), sabedoria (*panna*), verdade (*sacca*) e equanimidade (*upekkha*).

Na meditação ficou claro a possibilidade real de fazer com que elas brotem no indivíduo. Isto não é feito através da opressão ou nos forçando a praticar

mecanicamente uma lista de virtudes que colocamos numa parede porque as achamos bonitas ou benéficas, mas através de tais práticas elas podem emergir de dentro indivíduo a partir da vivência e trânsito em outros estados de consciência que criam condições necessárias para compreensões que possibilitam o manifestar de tais qualidades.

A partir daí, confesso que toda via externa de acesso a *estados holotrópicos* se tornaram desinteressantes. Os psiquiatra Sanislav Grof criou o termo *holotrópico* para designar determinados estados de consciência que continham em si determinadas qualidades, nele o indivíduo teria acesso a experiências que vão além de o contato com sua infância podendo retroceder até o período em que se encontrava na barriga de sua mãe até romper o tempo/espaço comum e vivenciar outros períodos da história da humanidade e do cosmo, encontrar-se com figuras arquetípicas com quem desenvolveu familiaridade ao longo da vida e etc.. Os que a viveram esta experiência relatam também um sentimento de estarem diante de algo sagrado ao vivê-las. Segundo Grof, a realidade teria dois aspectos o *hilotrópico* que percebe a separatividade entre as coisas e o aspecto *holotrópico* que si encaminha em direção a Totalidade, um estado não se sobrepõem ao outro, as duas percepções coexistem inconscientemente no indivíduo podendo este, se escolher, tornar-se hilo-holotropicamente consciente e conscientemente receber as informações que provém das dimensões holotrópicas da psique.

Nos anos seguintes, comecei a praticar meditação todos os dias por cerca de duas horas. E me dediquei então ao estudo de todo o tipo de prática que poderia levar o indivíduo a estados holotrópicos. Através do projeto de extensão Mover Juntos da UnB pude conhecer a Hatha Yoga, Ashtanga Yoga e Iyengar Yoga.

Um encontro maravilhoso foi com o professor Marcelo de Brito, mais conhecido como Dhyán Kapish, idealizador do projeto de extensão Movi-mente, onde uniu práticas e sabedorias orientais a seu conhecimento sobre a Educação Física, lá pude experimentar a Bioenergética Reichiana, a Core Energetics de John Pierrakos, a respiração holotrópica de Stanislav Grof, as inúmeras meditações dinâmicas de Osho, Kundalini Yoga, práticas Sufi, práticas de Gurdjieff e mais uma infinidade de práticas que eram ministradas por Kapish todas as noites de segundas-feira no Centro Olímpico. Participei inclusive do grupo de estudos onde se estudava as bases teóricas que davam fundamento às práticas. Foi um espaço onde pude observar bastante a possibilidade de como aquilo poderia ser desenvolvido dentro de salas de aula. Entrar em contato com tantas práticas me mostrou que existem especificidades e que elas não conduzem a um

mesmo ponto. As práticas trabalham aspectos diferentes, principalmente as propostas de psicoterapias desenvolvidas no ocidente, estão ainda muito aquém das possibilidades oferecidas pelos altos níveis da yoga hindu e da meditação budista.

No espaço estritamente acadêmico, fui influenciado pela gama de insights que acredito terem sido desencadeados, tanto pela dimensão teórica de meu curso e meu envolvimento com a extensão, como pelas experiências propiciadas por essas tecnologias ou caminhos que estava experimentando.

Certa vez, em meu primeiro curso de meditação, por volta do quinto dia, abri os olhos, houve um sentimento de estar unido a tudo, não havia distinção entre eu e os outros colegas que estavam na sala, mas o mais estranho é que não havia distinção entre mim e tudo o que estava na sala, o chão, as janelas, o telhado eu sentia como se eu fosse aquilo tudo. Era como num sonho, no sonho tudo o que há nele é uma manifestação de nossa própria mente. Alguns chamam essa experiência de experiência de unidade, dissolução da ideia de eu, enfim, não me importo com o nome que dou a ela, mas sinto que ela imprimiu em mim a compreensão de que tudo aquilo que faço ao mundo estou fazendo a mim mesmo. Nunca a ideia: “ame ao próximo como a ti mesmo” fez tanto sentido, pois não havia mais distinção entre eu e o mundo.

Sinto que, essas percepções foram me influenciando no meio acadêmico, eu queria de alguma forma contribuir me inserindo em determinados espaços com o objetivo de questionar, entender, enfraquecer e desarticular estruturas que nutrem a infelicidade, alimentam desigualdades, estimulam violência, *coisificam* o ser humano, mecanizam-no, mantêm-no inconsciente sobre seu corpo e mente, mantêm-no ignorante em relação ao conhecimento e também perante sua própria natureza, impedindo-o de transformar sua condição, e construir um mundo diferente daquele em que se construiu.

Essas experiências contribuíram, para que em determinado momento eu dissolvesse um processo de visão e ação egocentrada, para desenvolver uma visão e ação de mundo *cosmocentrada*. Esqueci-me de mim mesmo e me identifiquei com o coletividade, me enxergo no *outro* e hoje, mais que nunca sinto suas dores, como minhas, pois a distinção que havia entre eu e ele fora rompida. Auxiliar o *outro* a ser feliz, seja este *outro* qualquer que seja, é nada mais nada menos do que fazer feliz a mim mesmo, assim como manter seu sofrimento é manter o meu sofrimento.

Foi por isso que me lancei na Cidade Estrutural com o Projeto 3 e 4 em Representações Sociais, Currículo e Meio Ambiente com a professora Ana Tereza da Silva Reis. Sinto que foi essa mesma motivação, que me levou enquanto integrante do

Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Educação (PET-Edu) a lutar pelas causas dos estudantes indígenas, por uma política que garantisse de fato, não só sua inserção na universidade através de um vestibular diferenciado, mas que principalmente garantisse sua permanência dentro da universidade levando em consideração suas necessidades, tais como acesso ao restaurante universitário, moradia estudantil, bolsas e apoio financeiro via bolsas.

Com PET também fui até cidades como São Sebastião e Cidade Estrutural, buscando sempre de alguma forma articular, organizar e propor junto à comunidade atividades que buscavam suprir as necessidades elencadas pelo coletivo, buscando estimular antes de tudo, a construção de uma cidadania ativa diante da condição de esfarrapados do mundo.

E minha mais recente empreitada o PRONERA, por um breve momento tive a oportunidade de me reunir com esses seres incríveis que reiniciaram mais uma jornada de alfabetização pelos milhares de assentamentos que se encontram no DF e entorno. Um fato muito interessante que levarei comigo durante muito tempo, foi a figura de um senhor, de olhos claros, que encontrei em um dos assentamentos que visitamos. O senhor era analfabeto, mas era dotado de sabedoria e de um espírito inquieto capaz de causar inquietude naqueles com quem conversava. Lembro que ele disse algo assim: “O povo diz por aí, que a mente vazia é a oficina do diabo. Isso é mentira! Sabe por quê? Porque se a mente se esvazia, o que sobra é a consciência. A consciência é o espelho onde nós podemos nos olhar, e ela nos fala corretamente o que fazer”.

Foram nessas viagens para os assentamentos, que tive a oportunidade de conversar algumas vezes com a professora Cláudia Dansa, que amorosamente me acolheu em minhas inquietações que passavam muito longe de tudo o que já pude discutir com meus professores da Faculdade de Educação. Falamos de xamanismo, sonhos, signos, física quântica, memória genética, campos morfogenéticos, yoga, catarse, planos de existência, renascimento, livre arbítrio e o interessante era notar de que forma essas coisas poderiam dar qualidade à transformação do mundo, não se tratava de uma espiritualidade que como diria a professora Maria Lúiza Pereira que “nos descola da casca”, mas que dá qualidade a experiência vivida. Os momentos eram curtos, e talvez ela nem imagine o quão profundo e importante foram para mim nossas meias-horas de prosa. Minhas tentativas de correr do assunto e não escrever sobre ele em meu trabalho de conclusão de curso, acabaram em um movimento catártico no Café

Cebinho, quando apresentei meu projeto a Cláudia e ela me dissera que não via minha pessoa naquilo que havia escrito.

Foi quando decidi simplesmente compartilhar as visões e convicções construídas ao longo dos últimos oito anos que me levaram a, juntamente aos meus amigos Yuri Bonfin e Heloá Escalante, construir o projeto de extensão do PET-Edu: Lente Aberta. O projeto Lente Aberta surge a partir primeiro de nossas sintonias enquanto pessoas. Após tanto criticar a escola ao longo de nosso curso, sentíamos que deveríamos propor algo. Não queríamos propor algo o qual não tivéssemos experimentado na prática, apesar de concebermos a necessidade de organizações e militâncias a níveis macro, nós queríamos ir até a sala de aula, queríamos entrar em contato com estudantes, queríamos nos experimentar enquanto professores de um processo educativo diferente do que nós fomos educados e que não contemplavam nossos anseios.

Foi nesse espírito que iniciamos o projeto Lente Aberta. Inicialmente o nome era Projeto de Cultura Popular Lente Aberta, nós simplesmente nos apropriamos do nome do projeto que estava descrito como uma atividade a ser desenvolvida pelo grupo PET-Edu e demos a ela nossa cara. Fizemos isso escondido de nossa tutora, pois estávamos convictos que expressar o que nós queríamos fazer para nossa tutora seria considerado um *laissez-faire*. Se ela me falasse isso, eu realmente falaria que o *laissez-faire* era exatamente o que nós estávamos querendo. Preferia dar a expressão *Let It Be* dos meus queridos *Beatles*. Nós iríamos simplesmente *deixar Ser*, deixaríamos com que o efervescer dos adolescentes do primeiro ano do Centro de Ensino Médio da Asa Norte (CEAN) utilizasse de sua autonomia para guiar-nos rumo àquilo que desejassemos descobrir. Nós, estudantes de pedagogia, éramos simplesmente os animadores, os polemizadores das questões levantadas pelos anseios do grupo. A ideia era deixar o Caos se manifestar sem que fôssemos aversivos a ele e que principalmente estivéssemos atentos para guiar o processo de modo a estimular a investigação, reflexão e crítica do mundo que nos cerca, estimulando também que os participantes propusessem aquilo que acreditavam que precisava ser feito para alterar a realidade de modo a atingir aquilo que entendíamos como necessário, para que materializássemos o mundo que íamos construindo idealmente.

A peculiaridade deste processo e minha contribuição foram a abordagem que incorporei em função de minha caminhada que narrei acima. Entendo que para chegarmos à construção de uma humanidade não-violenta, que saiba viver de maneira respeitosa, amável e cortês com sua casa Terra, com a multiplicidade de modos de ser e

consigo mesmo; paralelamente ao trabalho realizado fora é necessário também um mergulho profundo para dentro de si, para desarticular todos os elos internos que nos levam a repetir ignorantemente ações reprodutoras de violência, desrespeito e desamor para com nossas *outras* partes. Para tanto, ao longo de nossa caminhada no Lente Aberta, além de nossas discussões sobre política, cultura, ética, sociedade, religião, drogas, escola, educação, sexo e etc., falávamos sobre sonhos, sobre a sabedoria e modos de ver dos povos antigos, estados de consciência que se desdobram para além de vigília, sonho e sono profundo, meditação e etc.. Propusemos exercícios de reflexão sobre Si Mesmo, meditação, danças de roda, práticas corporais, exercícios de respiração, práticas advindas de tradições indígenas, imaginação criativa, relaxamento, yoga, teatro do oprimido e mais uma série de práticas intuitivamente trazidas pelos coordenadores.

Este trabalho aborda um pouco o que penso sobre a educação, um panorama contemporâneo sobre questões e debates que estão em foco, críticas e o que está de certa forma sendo feito para a construção de um *outro mundo possível*. Em síntese, fui impulsionado por esses pensamentos e pensadores para que chegasse até o Lente Aberta. Abordarei brevemente a contribuição do pensamento do psiquiatra Stanislav Grof e sua psicologia transpessoal, para a fundamentação teórica do trabalho pedagógico que estávamos realizando dentro de sala ao implementarmos práticas meditativas e dinâmicas corporais. Ao final compartilho um pouco do que foi o trabalho realizado junto aos alunos do primeiro ano do colégio CEAN.

CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO E CULTURA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Cultura, Educação e a formação do Indivíduo.

Foram essas experiências compartilhadas no memorial que me chamaram a atenção para a quase inseparabilidade existente entre os conceitos de Educação e Cultura. Certa vez uma criança fora achada perambulando sozinha por uma floresta na França em 1800. O garoto, apesar de andar numa posição ereta, comportava-se como um animal. Nomearam-no Victor. Victor não sabia falar nenhuma língua, não tinha hábitos de higiene, aparentava ter algum raciocínio, mas para todos os efeitos era um animal. Não sabiam quantos anos o garoto tinha, mas julgaram que sua idade seria de uns doze ou onze anos. Ele foi adotado pelo educador francês Jean Marc Gaspard Itard, que tentou educar-lhe com muito esforço. O jovem conseguiu fazer alguns avanços, como vestir roupas, aprender a tomar banho e, com muita dificuldade, falar algumas palavras. Victor faleceu em 1828 por volta dos seus quarenta anos.

Na tentativa de compreender a educação não podemos nos furtar à tarefa de irmos atrás das raízes etimológicas da palavra educação. Educar tem sua origem em termos latinos, tais como os verbos *educare* que significa amamentar, criar e alimentar; e *educere* que significa literalmente, conduzir para fora (JAEGGER, 1995). Será que podemos dizer que Victor não fora educado? Pois não teve acesso a cultura humana. Ele não pôde ser conduzido ao externo; não pôde ser nutrido pela cultura humana; não pode se humanizar.

É de Paulo Freire a passagem que diz (1981, p.79): “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” os seres humanos se educam em comunhão.” é na união com o *outro*, seja esse *outro* o que for, onde ocorre a educação, a aprendizagem de algo novo, a descoberta daquilo que antes desta união não podia ser compreendido. É na união de nossos sentidos com o mundo, que ao traduzirem ao corpo uma série de informações e sensações, dão início ao processo educativo. Os seres humanos se educam em comunhão, aonde quer que haja a comunhão; onde haja relação; a interação, acontecerá ali a educação. Interação do quê com o quê? Simplesmente interação do ser humano com qualquer coisa, tanto humana como não humana. Portanto podemos dizer que Victor fora educado e até mesmo que produziu uma cultura. Na relação que se estabeleceu entre ele, seu corpo e a floresta, desenvolveu-se um processo educativo, que desencadearam a produção de cultura e de saberes que o permitiram viver durante um tempo dentro da floresta independente de ter tido contato com seres humanos que o ensinassem à sobreviver (BRANDÃO, 1981).

A educação existirá aonde houver relações, não apenas como algo que acontece em um espaço fechado como a escola, mas algo que acontece a todo momento e em todos os lugares. É difícil dizer aonde a educação não acontece. Toda sociedade encontrará meios para a difusão de seus saberes. As crianças na aldeia aprenderão nas rodas de conversa com os mais velhos sobre como se vivia; aprenderão seus mitos criadores; serão informados sobre suas histórias de guerra; aprenderão suas cosmologias. Nos períodos de caça, quando adquirem uma determinada idade, aprendem a caçar com os mais velhos, aprendem na prática, não há uma aula ou um passo-a-passo de como caçar. E assim a educação acontece neste espaço não formal, onde aqueles que já se encontram nesse mundo ensinam àqueles que chegam, suas maneiras, seus costumes, suas formas de ver e ser (BRANDÃO, 1981).

Em toda sociedade, seja ela tribal ou com um nível de complexidade maior, existirá espaços educativos formais e não-formais onde acontece a transmissão de sua tradição cultural. Segundo Carlos Rodrigues Brandão (1981, p. 10): “A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é *comunitário* como bem, como trabalho ou como vida.”. Não podemos falar que existe A Educação, o que existe são Educações. Educações que acontecerão entre os seres humanos e seus corpos; os humanos e seu próprio pensamento; os seres humanos e outros humanos; os seres humanos e o meio que o cerca, os seres humanos e as culturas diferentes; seres humanos e situações diferentes.

Os indígenas junto a floresta desenvolveram saberes totalmente diferentes dos esquimós. E conseqüentemente suas educações são distintas. Mesmo povos indígenas que viveram tão próximos desenvolvem educações distintas. Algo de curioso em perceber que a educação não ocorre apenas entre um humano e outro humano, é percebermos que as coisas podem educar o ser humano.

Os humanos, nesse processo de relação entre eles e entre natureza externa inventam sua Cultura. Reconhecendo suas limitações físicas e lutando por sua sobrevivência criaram um ambiente secundário para superar essas limitações, criaram habitações que lhes permitiram driblar as condições climáticas, e puderam assim ocupar dês de locais extremamente frios como o Polo Norte até as áreas mais quentes do Saara. Criaram organizações, instituições, leis e tratados que os mantêm protegidos. A esse ambiente secundário criado pelos humanos, que irá variar de povo para povo, é dado o nome de Cultura (MALINOWSKI, 1975).

É a cultura que possibilitará ao indivíduo integrar-se ao mundo humano, e não somente isso, ela também condicionará a visão de mundo do indivíduo (LARAIA, 1986), manifestando-se na sua forma de se relacionar consigo mesmo, com o outro e com tudo aquilo que o cerca. É no acesso à cultura que o indivíduo passará a compreender os códigos de conduta que o permitem interagir com seus semelhantes.

Uma característica da cultura é que ela não é extática, ela é condicionada por seu tempo/espaço e está em um constante processo de desconstrução e reconstrução. Apesar de alguns padrões culturais e representações sociais, ao longo do tempo se tornarem naturalizadas, ou seja, tidas como a normalidade, nada impede que essas representações não possam ser desconstruídas e reconstruídas de maneira diferente. Para Moscovici (1975) a representação de ser Humano apartado da natureza é recorrentemente usada por escritores do pensamento ecológico como uma das justificativas para Crise Socioambiental enfrentada hoje pelo planeta. O sentimento de que o ser humano não é parte da natureza o levaria a interagir com a mesma de uma maneira utilitarista e jamais o possibilitaria um posicionamento cuidadoso e respeitoso diante do planeta Terra como se este fosse um Ser, como foi apontado por James Lovelock (2000) em sua Teoria de Gaia.

Para fundamentarmos melhor o que entendemos como Cultura e Educação vamos até o início da Permacultura, que se iniciou nos anos 70, através dos australianos Bill Mollison e David Holmgren, a partir de um processo de observação da natureza. Perma significa permanência, sendo Permacultura a Cultura de Permanência (MORROW, 2010). Através da observação da natureza, concluíram que na natureza nada se cria e nada se perde, tudo está permanentemente se transformando dentro de um sistema. Concluíram até mesmo a Morte não é a extinção, pois é esta que permite a Vida. As folhas que vão se degradando se tornam matéria orgânica que cobre o solo possibilitando à planta ou árvore que venha a crescer naquele solo cresça com vigor e que também não deixará de influenciar e ser influenciada por uma infinita cadeia de processos da Teia da Vida. Compreenderam os seres humanos como parte de um sistema e não como soberano.

A partir da observação do espaço/tempo, que é a base principal da permacultura, Mollison e Holmgren se educaram e reestruturaram seus padrões culturais, construíram a partir desta educação uma cultura que busca colher elementos que nos permita imitar a Natureza e interagir com ela de modo que possamos manter a vida umana sem prejudicar a Vida realizando assim o que na biologia é entendido como simbiose. Deste

processo educativo, onde o professor é a observação da Natureza cria-se a nomeada Cultura de Permanência que é o produto daquele processo educativo que teve como base a observação. Além de explicitar possibilidade de mudarmos nossas representações compreendo a premissa de que: Toda cultura é educativa e toda educação é cultural; em todo processo educativo nós teremos a produção de uma cultura, cultura esta que, conseqüentemente, nos educará; nos formará; dará forma a nossos comportamentos e maneiras de interagir; nos condicionará.

Etnocentrismo contemporâneo. O Etnocentrismo Universalizante e o Relativismo Cultural.

Diante de uma inquietação perante ao nosso presente (futuro) é de extrema importância a reflexão sobre Educação e Cultura sempre que se deseje construir uma prática educativa transformadora. Reconhecer o espaço/tempo em que se vive é o ponto de partida para que se possa conscientemente criticá-lo e propor que tipo de transformação se quer alcançar. Brandão (2002) frisa a importância de se compreender a ética de uma determinada cultura, assim nós enxergamos aonde ela está nos levando; entendemos sua política, seu projeto de humanização. Cada cultura possui um projeto de humanização. É este projeto de humanização que guiará as ações de um determinado povo.

O fenômeno da cultura possibilitou ao ser humano ir além dos outros animais que aprendem somente a busca pela sobrevivência e a perpetuação da espécie, ele foi capaz de produzir uma dimensão animológica que são os bens simbólicos. Pode se dizer que não há limites para aquilo que possa ser culturalmente inventado, isso se torna um problema a partir do momento em que algumas representações criadas concebem determinada cultura como superior, ou mais avançada do que a outra, é quando acontece o chamado Etnocentrismo.

O Etnocentrismo é quando determinada visão de mundo percebe seu próprio grupo como o centro do que é verdadeiro; o mais evoluído e mais uma série de adjetivos que atribuem a uma determinada cultura valores de superioridade em relação a outra. Este grupo que se julga superior, julga o *outro* mediante seus valores, modelos, e definições do que é a existência (ROCHA, 1988). Laraia (1986) diz que : “O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural.”. O problema é que é a partir da compreensão de culturas que se constituíram julgando-se superiores; que têm em sua constituição a justificativa para atos reprodutores de desigualdades entre os seres humanos; é que justificou na colonização a tentativa de escravização dos *selvagens* que também foi justificativa para a escravização de povos africanos. São posturas etnocêntricas no passado e ainda hoje impedem ou dificultam o processo de difusão de uma cultura que possibilite um mundo de trocas sociais solidárias.

O Etnocentrismo não se manifestará apenas em um povo, ele se manifesta sempre que determinado grupo seja ele qual for, faz de sua visão a única possível (ROCHA, 1988). Podemos dizer que existe etnocentrismo dentro da comunidade científica que tem o Método Científico como sua verdade irrevogável

O movimento Iluminista propôs-se a dar luz às trevas da ignorância, no entanto, essa luz nos impede de enxergar outras luzes que iluminam o mundo de forma diferente e revelam coisas diferentes e que conseqüentemente possibilitam formas diferentes de interagirmos com a Vida. Do iluminismo até hoje, o Método Científico se tornou o Oráculo do homem moderno a quem este recorre quando se tem qualquer tipo de dúvida. Aliás, é isso que autores como (CAPRA, 1996) (MORIN, 2000) e (SANTOS, 2010) criticam, são as *cegueiras do conhecimento* a qual chegamos em função de uma Ciência, que apesar de ter tido suas contribuições a nível de descobertas científica e avanços tecnológicos, produziu uma especialização tamanha, que serve hoje muito mais ao interesse econômico de poucos, do que à humanidade com um todo; que impede o diálogo entre diferentes áreas do saber pois essa especialização criou verdadeiros abismos entre essas áreas. Em função de seu etnocentrismo, não concebem valor em outras formas de perceber, experienciar e conhecer o mundo e estas ainda são tidas como inadequadas, primitivas, inferiores, mágicas ou equivocadas.

Ao investigarmos a grade horária de colégios da rede pública notaremos que o número de aulas de matemática, química, física e biologia é maior do que de outras componentes curriculares como artes, história, literatura e filosofia. Vemos refletido aí a ideia de supremacia das Ciências nascida no Iluminismo, como se essas não fossem uma criação cultural, e sim a própria linguagem do universo traduzida pelos humanos e que portanto são considerados mais importantes; conhecimentos universais (CANDAU, 2000) que são inseridos nos currículos das escolas mundo afora.

A superação do limite onde chegamos se encontra em transcender nossas formas de compreensão do mundo, dialogar e penetrar outras culturas e áreas do saber, ver de que forma elas podem nos auxiliar na construção de um paradigma que supere esta *cegueira*, que ao separar a realidade em partes, para compreendê-la, acaba reduzindo-a ou até extinguindo nossa habilidade de compreender as coisas de maneira complexa, ou seja entrelaçadas com o Todo. Perdemos a capacidade de enxergar o fio sutil que liga todas as coisas. Com isso nós formamos um ser que responde à vida de forma fragmentada que não leva em conta que suas ações constituem, formam e deformam a Teia da Vida.

O Etnocentrismo está ligado à maneira como um grupo do “eu”, àqueles que se parecem comigo e possuem hábitos e formas de ser que se parecem com a minha, julgam o *outro* apenas pelo ponto de vista de meu grupo. Se manifesta então, até mesmo na nossa compreensão de sanidade. O sujeito que diz ver espíritos, ouvir vozes ou simplesmente sentir que às árvores conversam como ele é tido em nossa sociedade, aos olhos da psicologia moderna, com um alguém que no mínimo tem tendências esquizofrênicas. O etnofarmacólogo e xamanologista Terence Mackenna (1995) relata que, em sociedades tribais da América do Sul, supostamente o sujeito que relatasse estas qualidades, seria educado para ser o sacerdote da tribo, ao qual é atribuída a função de mediar as comunicações entre a aldeia e o sagrado.

Na escola, nosso etnocentrismo é transmitido através de inúmeras maneiras, nossos livros didáticos usados nos anos 90 no momento em que abordam sobre período de colonização os índios são retratados como seres preguiçosos e indolentes. O adjetivo preguiçoso vem da perspectiva do colonizador. Será mesmo que a palavra preguiça

é o nome adequado para nomearmos àqueles que se negavam a trabalharem como escravos, produzindo riquezas para o colonizador? A parte em que se fala da época da escravidão; a barbárie cometida pelos comerciantes de escravos é simplesmente retradada nos livros de história como algo extremamente natural, que simplesmente teve o seu tempo e depois passou, assim como o ciclo da cana de açúcar, do café, do ouro e da borracha. Pior que isso, através de provas, obrigamos os alunos através de suas respostas reforçarem as “verdades” que lhes são inculcadas. Desta forma implantamos profundamente em nossa memória tais concepções etnocêntricas que nos acompanham durante vidas desencadeando atos reprodutores e uma conduta violenta diante do diferente.

Através de um currículo que é em si um *instrumento de poder* (SILVA, 1999) ou seja, uma diretriz que forma um determinado tipo ser humano que está interagindo com o mundo e propaga-se a si mesmo, um modelo de etnocentrismo de um determinado grupo dominante se auto-promove a modelo de humanidade, criando não só nos currículos, mas em toda a indústria cultural modelos caricatos que são tidos como os *diferentes* de um padrão que é tido como o melhor ou superior. E assim aquilo que é apenas diferente, se torna um juízo de valor etnocêntrico.

O etnocentrismo está arraigado em nós, no momento em que somos incapazes de lançarmos-nos para fora de nós mesmos numa, tentativa de observar o *outro* através de seu próprio ponto de vista. Limita nossa possibilidade de conhecimento, tendo em vista

que, devido ao fato de que nosso julgamento nos impede de contatar, mesmo que parcialmente, a verdade de *outro*, nos torna incapazes de compreendê-lo a partir de seu ponto de vista.

Para tanto, existe um conceito que se contrapõe ao etnocentrismo que é o de relativismo cultural. A questão da diferença é levantada a partir do momento em que as grandes navegações em suas expedições começam a se encontrar com outros povos. O relativismo cultural fundamenta-se numa compreensão que vai além de uma essência verdadeira e inerente ao ser humano, para entender a cultura como uma simples forma que determinado povo encontrou, para suprimir aquilo que tinha como necessidade. Numa perspectiva relativista tudo, como o nome já diz, é relativo a um ponto de vista que surge em função de uma necessidade enfrentada por um ser humano em determinado momento de sua história. Portanto não há entre as culturas nem inferioridade nem superioridade; nem atraso nem avanço, o que há é simplesmente o *diferente*, que se constituiu dentro de um contexto diferente. O Relativismo Cultural é uma alternativa ao etnocentrismo tendo em vista que o etnocentrismo não abre espaço para a comunhão, para o diálogo. No etnocentrismo as relações sempre darão dentro de um padrão vertical, enquanto a perspectiva relativista possibilita a comunhão, o diálogo, dentro de uma relação horizontal e que fornece elementos para que ao menos seja construída entre alteridades humanas e não-humanas, no mínimo, uma relação de tolerância.

Chegado o momento em que nos reconhecemos enquanto seres planetários, ou seja, habitantes de uma casa comum chamada por alguns de Terra, é importante uma educação que nos torne capazes de relativizar. Longe de ser um extremo relativismo que, já que concebe que tudo é um ponto de vista, legitima qualquer tipo de atrocidade, mas uma educação para o desenvolvimento da faculdade de relativizar que possibilite a permitam a coexistência das diversas liberdades; que possibilite meu modo de ser sem impedir o exercício da liberdade do *outro*.

A Planetarização irreversível e a multiculturalidade do mundo contemporâneo.

Do final do séc.XX e até agora no início do séc.XXI ouvimos muito falar no fenômeno nomeado Globalização. Trata-se de um fenômeno complexo que envolve questões políticas, econômicas, culturais e religiosas (SANTOS, 2002). Podemos dizer que o que acontecem são globalizações, que é quando um fenômeno local começa a ganhar dimensões globais.

Através da revolução nos meios de comunicação acelerou-se o fluxo de informações, hoje temos acesso instantâneo a pessoas que estão em lugares totalmente distintos do planeta terra. O capitalismo se expandiu e incorpora até mesmo países que se diziam comunistas. ONGs ambientalistas possuem militantes que estão espalhados por todo o globo, agindo localmente e estão informados sobre as ações de outros grupos. É possível comprar uma passagem de avião conhecida como volta ao mundo, conhecer e absorver cultura de vários países, num tempo muito menor do que os oitenta dias narrado na ficção de 1873 do escritor Júlio Verne. É comum vermos jovens utilizando piercings que remontam a cultura tribal, usando jeans estado-unidense combinado com uma bata indiana. Uma floresta é desmatada no Brasil para que se plante soja que vai ser exportada para alimentar gado na Europa. Os Estados Unidos vão comprar espaço aéreo em Alto Paraíso do Goiás para que possam emitir uma maior quantidade de CO² na atmosfera. A Coca-cola e Mc'donalds são encontrados até no deserto do Saára. A África virou depósito de lixo eletrônico europeu. Torna-se comum encontrar um brasileiro muçulmano, um francês budista e até mesmo um chinês cristão. A todo essa interação de pessoas, de economias, religiões, solidariedades que vão se estendendo para além de seu Estado-nação podemos ver o fenômeno da globalização. Fenômenos que eram locais e ganharam uma dimensão planetária (SANTOS, 1997).

Podemos dizer formas de se enxergar a globalização, alguns a enxergam como a possibilidade de mestiçagem das culturas e o aumento da diversidade, outros a compreendem como homogeneização da cultura feita por uma hegemonia que impõem sua cultura diante das outras. Geralmente a história da globalização que a contada a nós é a história dos países que se beneficiam da globalização (SANTOS, 1997). O problema da globalização enquanto domínio de poucos, ou seja, liderado pelas leis do mercado, é que a Terra e seus habitantes são submetidos ao interesse econômico e visões de mundo dos países, que após acertadas as picuinhas do pós-guerra, perceberam que poderiam ganhar muito mais se juntassem e continuassem a explorar os países pobres.

500 anos passados das grandes navegações e o colonialismo ainda segue. Nos tornamos reféns de uma cultura capitalista e de seus valores individualistas, egoístas, materialistas, que expandem cada vez mais sua cultura imperialista pelo globo. Assistimos à globalização do capitalismo, de seus valores, seus jeitos de ser, seu jeito de projetar um ideal de realização. David Loy (2008, p. 11) em seu livro *Notas para uma Revolução Budista*, ainda sem tradução para o português, diz que o capitalismo institucionalizou o que os budistas nomearam de “Os Três Venenos”:

“our economic system institutionalizes greed, militarism institutionalizes ill will, and the media institutionalize delusion.”

Nosso sistema econômico, para manter-se, necessita do lucro e o acúmulo de bens para isso institucionaliza a avidez que se expressa uma necessidade de lucrarmos a qualquer custo e acumularmos insaciavelmente bens materiais como se fossem garantia de uma vida feliz. Criamos exércitos para nos proteger de nossa inabilidade de dialogar e acolher *outro* em sua diferença, ou seja, é necessário nos protegermos de nós mesmos, institucionalizamos a hostilidade. Institucionalizamos a ilusão ao criamos a mídia, para garantir que continuemos apegados aos valores e verdades que possibilitam a continuidade deste sistema. “Oh admirável mundo novo!” Diria o selvagem do clássico de Aldous Huxley (1934), ao ver um mundo onde para que tudo corresse bem, os seres humanos institucionalizaram o fim da liberdade.

O fato mais interessante recentemente percebido pelos humanos em detrimento da globalização talvez seja a realização de uma existência interdependente entre os estado-nações. A crise econômica enfrentada pelos EUA nos últimos tempos refletiu-se na Europa e no mundo todo, exemplificando esta interdependência. Possibilita aos seres humanos perceberem-se como parte de algo maior; uma sociedade planetária, que sofre as consequências das decisões e interesse daqueles que se encontram em determinado polo do poder.

As conferências realizadas em torno de questões ambientais em Stockolmo em 1972 e no Rio de Janeiro em 1992 são marcos históricos que simbolizam o emergir de uma consciência que enxerga a finitude dos recursos naturais e da necessidade de se reinventar a maneira como os seres humanos se relacionam com a Terra. Cresce a consciência de que os danos ambientais causados à Terra podem nos prejudicar, pois não há uma desconexão entre um e outro. Não há uma desconexão entre nós, a Terra, e os outros seres vivos. Na medida em que estas ideias se difundem elas também são fortemente refutadas pelos capitalistas, tendo em vista que o capitalismo teria ou de se

extinguir ou no mínimo viver uma reestruturação para acompanhar às demandas não mais somente de um pequeno grupo de seres humanos e sim da humanidade e da Terra.

O choque de civilizações a construção de uma cidadania planetária solidária.

A teoria de choque de civilização do cientista político Huntington (1997) defende que os conflitos a serem vividos pela humanidade no futuro terão suas origens em raízes culturais, especificadamente de origem religiosa. Huntington fala sobre a identificação cultural que é diferente de uma escolha política, nós podemos escolher ser da direita ou da esquerda, mas após termos constituído uma identidade cultural não podemos escolher ser de outra forma.

É preocupante a situação onde a *ocidentoxicação* (BOFF, 2004) impõe ao mundo seu estilo de vida, não seria novidade se nos próximos anos nos deparássemos com uma guerra mundial, assim que este modelo tentasse ser imposto àqueles com uma identidade bem definida em termos de ideologia e com alguma vantagem econômica ou bélica em relação a seus opressores.

Ao atingirmos a consciência planetária é interessante pensarmos que os conflitos civilizacionais serão como o de uma grande família terrena, uma família que habita uma mesma casa, o Planeta Terra. Apesar de alguma cultura acreditar que é superior a outra, e que portanto, tem o direito de mandar nela, não existe a possibilidade de mandarmos alguém para morar em outra casa, nos restando apenas uma alternativa: inventar e estabelecer meios para criar uma coexistência não violenta entre seres humanos e toda a vida do planeta.

É a partir deste reconhecimento que surgem às tentativas de construção de um novo modelo civilizatório em resposta à globalização imperialista, surge um espírito que nada contra a corrente, que pode ser bem representada pelo calor dos vários encontros do Fórum Social Mundial. Para além de toda a toda a desavença existente nossas discussões, o espírito que move a grande parte daqueles que puderam estar presentes em um Fórum Social Mundial, entendem que é a tentativa de construir uma globalização que venha de baixo para cima; que luta pela mundialização dos direitos humanos; que é capaz de solidarizar-se com aqueles que estão excluídos; que reivindica uma relação cuidadosa e amorosa não somente entre os seres humanos, mas que se estenda à Mãe Terra e a tudo aquilo que existe. Enxergam como realidade a possibilidade de humanos se reconheçam enquanto uma família terráquea capaz de construir um mundo, não perfeito, mas possível, com menos sofrimento e mais amor.

Uma ética para o novo Milênio

Na relação com o mundo, os seres humanos construíram princípios que os norteariam em suas relações. A ética seria esse conjunto de valores que concebemos ser importantes ou algo que concebemos como um dever a ser realizado para atingirmos determinado objetivo. Esse objetivo, quando estamos nos referindo ao campo da ética se concentra na realização daquilo que é bom e que possui uma pretensão de ser universalmente bom, que possa transcender apenas àquilo que eu enquanto indivíduo como o que é bom. A ética é moldada numa tentativa de perceber aquilo que é benéfico numa perspectiva universal.

Me lembrei de uma estória. A uns dois anos atrás eu estava sentado com meu bisavô no sofá, e não me lembro por que, falávamos sobre religião, ele me perguntou: Qual é a sua religião? Quando respondi a ele que não tinha nenhuma, ele parou, demonstrou certa preocupação e perplexidade e falou: “ixe!” Eu perguntei se tinha algum problema, em não ter uma religião. Foi quando ele me disse: “A religião é um freio pra pessoa né, se ela não tem freio, aí ta perdido.” A ética talvez seja um freio para as pessoas; uma via que possibilita o respeito das alteridades plurais, mas diferente de um tempo em que ela surge a partir de uma compreensão dogmática de alguma religião, a ética pode surgir a partir de uma experiência da realidade que não esteja ligada a um dogma religioso.

A ética já esteve de mãos dadas com a religião tendo sido fundamentada a partir de cosmologias, concepções sobre deus, o diabo, e a possibilidade de nossas ações em vida, após a morte, nos levarem ao céu ou ao inferno. O advento da ciência e da tecnologia talvez por julgar-se a si mesmo neutra e não compreender-se como produtora de valores, constrói um ser humano que acredita que a moralidade deva ser uma questão de preferência individual (DALAI, 2000), lançando às questões éticas na lata de lixo, porque talvez pensemos que elas deveriam provir de uma voz divina superior a nós e não de uma compreensão de mundo. Posteriormente se desenvolvem, por exemplo, a partir das visões críticas daqueles que compreendem o capitalismo como um processo, que para manter-se, nutre-se da desigualdade entre classes, e concebem como seu dever lutar pela libertação da opressão gerada pelas classes opressoras.

A ética é um conjunto de valores e princípios para que possamos viver melhor com nós mesmos e com os outros. A ética sempre irá surgir a partir de um contato com algo, de uma leitura e compreensão da realidade. Vivemos um momento único; momento em que as fronteiras se tornam cada vez menores, temos acesso à culturas

diferentes; amadurece a consciência de que fazemos parte uma teia e que aquilo que acontece em uma parte da teia, reverbera pelo todo construindo-o é transformando-o. Ao mesmo tempo que alguns de nós se maravilha com a possibilidade de se relacionar e aprender com outras culturas, nós também ainda hospedamos a dificuldade em nos relacionar com aquilo que nos parece ser excessivamente diferente de nós, excluímos, rotulamos, negamos o diálogo e a possibilidade de comunhão, e na pior das hipóteses, desaguamos na fossa da violência, da negação do outro enquanto um Ser. Nossa ciência não dialoga com a sabedoria popular; homens religiosos que buscam a paz em sua fé digladiam-se em guerras capazes de colocar toda a vida do globo em risco. A Terra é tida como uma coisa, a qual o ser humano, convencido de sua soberania sente-se no direito de subjugar-la e fazer dela, aquilo que deseja.

A ética que irrompe desse momento vem em resposta a uma pergunta básica, como realizarmos nossa passagem por este planeta sem diminuirmos as chances de nossos netos, bisnetos, tataranetos e tataranetos de nossos tataranetos, terem condições de vida no mínimo semelhantes às que nós estamos tendo agora? Como buscarmos a nossa felicidade sem reduzir as possibilidades do *outro* buscar sua felicidade?

É no movimento de respostas as estas indagações que construímos a ética que norteará a educação do séc. XXI. Mais difícil do que concebê-la, talvez seja o esforço para de uma vez por todas incorporá-las em nossas práticas. Não se trata de incluirmos a disciplina de ética ou simplesmente utilizarmos valores como amor, compaixão, fraternidade, generosidade como os temas de uma aula. Sim isso pode ser importante e ajudar também, mas mais do que isso, é necessário realizarmos em nós mesmos a árdua tarefa de nos constituirmos enquanto seres éticos. No livro “A Mente Meditativa” de Daniel Goleman (1996), ao investigar linhas meditativas como o hesicasma cristão, tantra tibetano, budismo theravada, a kabaláh judaica entre outras percebeu que quando o sujeito realiza o ponto final proposto por cada escola, seja ela em qual linha a que for, ele se torna um ser de conduta ética impecável, ou, de maneira mais fácil, um santo.

É responsabilidade do educador buscar meios que o possibilitem investigar a si mesmo, exercer uma espécie de *pesquisa-ação* (BARBIER, 2004) interna que possibilite a si mesmo desconstruir as representações sociais e condicionamentos que impedem a manifestação de uma conduta ética.

As organizações internacionais e a busca por princípios gerais para a sociedade planetária

Conforme cresce esta percepção de planetariadade, de interdependência e do reconhecimento da necessidade de se lutar pela construção de uma Cultura de Solidariedade, vemos crescer as discussões que se preocupam acerca das liberdades dos seres. De que modo diversas liberdades podem coexistir neste planeta sem que uma liberdade se sobreponha a outra?

É nessa tentativa de construção de um futuro terráqueo possível, enxergando a terra e os seres humanos como uma coisa só, que buscamos princípios gerais, que garantam uma vida de qualidade para o presente e que não destrua a possibilidade de que no futuro também de maneira digna, seres, não só humanos, tenham a possibilidade de viver dignamente.

No relatório Delors feito em 1999 para a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) estabeleceu-se os quatro pilares para a educação do futuro: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser.*

O primeiro, *aprender a conhecer* é talvez o mais conhecido por nós, está ligado ao acesso a saberes de toda ordem. Nossa escola, ao ensinar conhecimentos aos indivíduos permite que eles façam uma leitura da realidade, esses conhecimentos fundamentam a forma como irão interagir com a realidade. Devemos ter o cuidado de ensinar o *aprender a aprender*, é importante familiarizar nossa humanidade com a metodologia científica, mas sem rompermos o diálogo com a sabedoria desenvolvida pelas tradições antigas e populares. A especialização é necessária para a resolução de determinados problemas, contanto que não percamos nossa faculdade de dialogar com outras áreas do conhecimento. Na era da informação é necessário estimularmos um espírito pesquisador que abandone à superfície da informação científicista veiculada na televisão e em tablóides para ganharmos profundidade naquilo que investigamos, pois a ciência, ganhando o status de dona da verdade, faz com que um simples “pesquisas comprovam que...” ou “a ciência diz...”, sejam suficientes para nos convencer de uma verdade que nem sabemos com quais propósitos foram investigadas ou quais entidades políticas e econômicas se beneficiavam de suas constatações.

O *aprender a fazer*, a indissociabilidade entre o *aprender a conhecer* e o *aprender a fazer* explicitam a necessidade de um enorme cuidado a ser tomado ao

conduzirmos processos educativos, pois sugerem a necessidade de uma completa reforma na maneira como nós aprendemos a conhecer a realidade. O método *bancário* e as avaliações por números e provas, por exemplo, restringem as possibilidades de uma construção coletiva do conhecimento, impedem o educar para um espírito cooperativo. O *aprender a fazer* está para além de qualificações técnicas necessárias à execução de um trabalho, ele aponta para a necessidade de desenvolvermos competências que julgamos necessárias ao momento que vivemos, tais como a intuição, habilidade para se comunicar de maneira diplomática, trabalhar em equipe, espírito de cooperatividade.

Um outro pilar para a educação do séc XXI vai no sentido de desconstruir aquilo que levantei enquanto problema anteriormente, o etnocentrismo. O *aprender a viver juntos*, é justamente uma preocupação em uma educação que nos forme para o diálogo, para o reconhecimento da multiculturalidade; uma educação que nos torne hábeis na arte da resolução de conflitos de maneira pacífica. Há um ponto chave exposto no relatório que fala sobre necessidade de trabalharmos em um objetivo comum. Um exemplo de objetivo comum a ser pensado hoje pela a humanidade é o seu próprio destino em função do modo de viver. Que futuro conseguimos enxergar para uma civilização que extrai da terra mais do que precisa? E que além de extrair mais do que precisa, não compreende a finitude das riquezas disponibilizadas pela Terra? Para além das brigas entre aqueles que admitem ou não as mudanças climáticas e aquecimento global, não há como escondermos de nós mesmos os impactos ambientais decorrentes de um descomedido processo de urbanização.

A Terra é a nossa casa, e os povos são como uma família que vivem na mesma casa, no entanto, nesta casa não há como mandarmos alguém para fora dela, e com nossos armamentos nucleares é capaz de ao tentarmos cometer tal ato, mandarmos junto com os incomodantes, os incomodados e até mesmo os que nem tinham nada haver com isso, se é que existe esse sujeito que não tenha nada haver. A educação do futuro(presente) deve ter como paradigma A Terra e o destino da Vida. Nos resta enquanto educadores construir uma educação/cultura que viabilize a convivência dos seres humanos e não-humanos neste planeta.

Dos quatro pilares encontrados no relatório, a que fala sobre *aprender a ser*, parecer ser no momento, a tarefa mais difícil de ser realizada em função justamente da educação que recebemos, educação que não nos ensina a mergulhar dentro de nós a fim de descobrirmos em nós, o que impede a realizar o na prática o mundo que idealizamos.

A questão que se coloca diante de nós, é que para transmitirmos ao *outro* uma educação do século XXI, nós precisamos viver uma transformação profunda. O filósofo indiano Krishnamurti (1969) em toda a extensão de sua obra fala da impossibilidade de alguém ainda condicionado por um tipo de educação ou pensamento, educar outra pessoa para um pensamento e conduta diferente da que este fora formado. Há uma filmagem, onde comenta sua própria experiência frustrada de construção de uma comunidade alternativa, pois mudava-se o externo, mas as pessoas, apesar de seus ideais, hospedavam em si todos os opressores que criticavam e que, ao manifestarem-se dentro da comunidade, conduziram-na ao seu fim.

Não há como nós ensinarmos alguém a ser aquilo que não somos, enquanto não nos tornarmos verdadeiramente aquilo que nós nos propomos a ensinar, ou seja, enquanto não nos tornamos o próprio ensinamento não atingiremos o nosso objetivo de educar para um outro modo de ser. Para isso, é inalienável tarefa do educador comprometido com a transformação, investigar a si mesmo; ir fundo dentro daquilo que inconscientemente se esconde dentro de si; dar luz à sua própria sombra na busca pela superação e libertação dos opressores e oprimidos internos, pois somente livre poderá ensinar o caminho que conduz à libertação.

CAPÍTULO 3: PEDAGOGIA DA TERRA E CIDADANIA PLANETÁRIA

A Pedagogia da Terra e a reintegração do homem na Natureza e no Universo

O ser humano encontrou várias formas para se entender como superior ou simplesmente apartado de sua condição de natureza; possui cultura; linguagem; racionalidade; auto-consciência, e etc.. Até mesmo na bíblia, no Genesis, ao homem é atribuído o direito de reinar sobre todos seres da água e do ar. Esta representação superioridade do homem em relação à natureza, abre espaço para a construção de uma relação onde os seres humanos se sentem no direito de fazer aquilo que bem entender com toda a natureza não humana. A ideia de que podemos fazer da natureza o que desejarmos, aliada a ausência de percepção de interdependência inerente à teia da vida, nos leva a incidirmos sobre o mundo de maneira equivocada, alterando de forma irreversível, o sistema/mundo que vivemos.

O homem nunca deixou e nem deixará de ser Natureza, alguns estudiosos do pensamento ecológico atribuem aos impactos ambientais, ao fato de que os seres humanos, criaram concepções que os levaram a crer que os seres humanos estão apartados da natureza. Em partes, isso pode ser verdade, nós construímos uma cultura contra-natureza, construímos uma antropologia que é contra a vida, que na comodidade dos supermercados e descargas d'água, nos levaram a perda da percepção de extensão dos ciclos vitais. Esquecemos que os produtos que nós compramos vêm de algum lugar e que para chegarem ao supermercado passam por um processo que nem fazemos e ideia; perdemos a percepção de ciclo, ao simplesmente lançar no lixo aquilo que será levado pelo caminhão de lixo e magicamente desaparece de nossas vidas.

Mas, a vida continua, e o lixo que cuidadosamente colocamos em nossos containers para ser levado para o lixão da Estrutural, no caso de Brasília, que devido a ausência de um aterro sanitário, faz com que o chorume do lixo infiltre o solo e contamine um lençol freático de onde é retirada a água que alguns fazendeiros regam suas plantações ali perto da Cidade Estrutural. Nosso lixo saiu de nossa casa para voltar para os nossos pratos. Não foi preciso falar de aquecimento global ou mudanças climáticas, para compreendermos que o impacto socioambiental causado por nossas relações com as coisas é real.

Foi publicado em 1960 por Rachel Carson o livro *Primavera Silenciosa*, foi o primeiro estudo sobre o impacto da utilização de agrotóxicos na produção de alimentos. Nesse livro foi possível compreender a complexidade na natureza a partir do momento em que o estudo relaciona o desaparecimento de aves que apareciam durante a

primavera com a utilização de agrotóxicos nas plantações. É considerado um marco dentro da militância socioambientalista moderna.

As Conferências das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano realiza-se em Estocolmo em 72, depois no Rio de Janeiro em 1992 e encontros que desdobram até hoje na Rio+20 contribuíram para a difusão de pesquisas, estudos, ações e preocupações que estão ligadas à nossos modos de viver e seu impacto sobre o meio ambiente e populações do planeta Terra (GADOTTI, 2000). Mesmo com tanta atenção, em recente passagem pela Rio+20, o que se mais escutou no fórum que se colocava contra a Rio+20, nomeada de Cúpula dos Povos, era a de que apesar de tanta atenção e tanto dinheiro sendo investido nessas conferências o que estava sendo verdadeiramente feito era pouco e que o que estes eventos impulsionam é somente uma nova forma de capitalismo, o capitalismo verde.

Este é mais dos desafios que vem sendo enfrentados pelos românticos militantes da Educação para um mundo melhor. De 1972 até aqui muito tem sido feito, apesar de termos mais documentos assinados e lindas cartilhas produzidas pelo governo, do que ações, a Educação Socioambiental começa a ganhar cada vez mais adeptos, busca a superação de um de seus dilemas que é desconfigurar-se de uma dimensão alternativa para conquistar seu espaço como única opção, que é a de cada indivíduo conscientizar-se e responsabilizar-se por sua própria existência e tudo o que nutre esta existência.

A Educação Socioambiental luta para diluir-se no currículo possibilitando a este que tenha a Terra como Paradigma (GADOTTI, 2000), diluir-se no currículo significa atravessar as caixinhas em que estão organizadas as disciplinas que se ensina na escola. A realidade que vivemos é a cola de todos estes saberes, ela é o que permite nortear as nossas ações. Não se trata mais construir o conhecimento por pura curiosidade ou para o desenvolvimento tecnologias que apenas aumentam a ociosidade humana, mas para trazer benefícios à vida do planeta e todos os seres que o habitam.

É a oportunidade de nos desvencilharmos de uma educação que nos remonta sempre à Europa e sua visão de mundo, para construirmos uma educação que nos ensina sobre os Terráqueos e suas diferentes formas de se pensar e agir e as consequências em detrimento de suas relações com este planeta ao longo da história. Poderemos assim aprender a diferença, acessar a diferença e nutrirnos-nos da sabedoria de nossos antepassados e entender que o passo à frente não se trata de voltarmos às cavernas, mas de aliarmos a preciosidade do que tínhamos e esquecemos àquilo que estamos criando

agora, rumando sempre na perspectiva de construção de uma relação solidária com Gaia.

Ressalto aqui a importância de uma educação para a cura, revitalização ou estímulo de nossa percepção. Precisamos de formas, meios, caminhos que nos conduzam a uma outra experiência da realidade. Experiência vivida por muitos no passado e nos dias de hoje, que é, em parte, responsável por manter tão forte a simbiose vivida por algumas tribos indígenas como a do índio Benki Ashaninka guardião dos saberes do povo Ashaninka. Entre os budistas theravada são citadas três tipos de sabedoria: a sabedoria recebida (*suta-mayā-paññā*), sabedoria intelectual (*cintā-mayā-paññā*) e sabedoria experimental (*bhāvanā-mayā-paññā*) (HART, 2012). A primeira é uma sabedoria desenvolvida a partir de algo que você leu em algum lugar ou que alguém lhe contou. A segunda, sabedoria intelectual, é aquela que se adquire depois de se investigar intelectualmente uma questão, muito pensar, reconhecer a lógica e fazer inferências a partir do que se pensou. E finalmente a terceira, é uma sabedoria proveniente de uma experiência direta da realidade, que, no caso dos monges, será através da prática de meditação.

A ênfase que dada à experiência de outros estados de consciência, como uma necessidade para realizarmos uma educação que nos *ensine a ser*, é em função do estudo de pesquisas realizadas no campo da psicologia transpessoal, que relatam que os pacientes que se submeteram a determinadas práticas psicoterápicas que envolviam a alteração da consciência e acessaram os estados de consciência reconhecidos como *holotrópicos* (GROF & BENNET, 1994) relataram transformações significativas tanto em suas visões de mundo, como também, em sua conduta e relação ao mundo. Aprofundaremos-nos nesse tema mais adiante.

A Libertação humana e o fim da dominação e do imperialismo: Pedagogia do Oprimido

Apesar de entendermos todo o contexto histórico em que se situava Paulo Freire, sua obra é expansiva e profunda fala sobre aspectos muito mais profundos do que aparentemente sugerem.

Freire (1975) narra esse incrível processo onde através da *conscientização* o indivíduo é capaz de reconhecer-se dentro da história, entende que seu presente é a manifestação de decisões tomadas no passado e que seu futuro depende de decisões e ações que são tomadas no agora, e assim, conscientizando-se de seu lugar na história, abre-se à possibilidade de não mais ser uma marionete de sua inocência e daqueles que se aproveitam dela, para tornar-se o consciente titereiro de seu próprio destino.

O ponto crítico colocado por Freire é quando traz a nós a responsabilidade, pois nós, mesmo que inconscientes, estamos dentro de um contexto histórico. Estejamos ativos ou inertes, através de nossas decisões que se dão no presente, estamos co-criando o futuro, não só nosso, mas o de todos. Se o que alimenta o presente é o jogo de gato e rato entre opressor e oprimido, a única maneira de acabar com o jogo, é não tomando parte em nenhum desses extremos, pois para um se manter o outro se faz necessário. Parte-se então, para a condição de liberto e que contribui para o processo de libertação.

Não há aquele que esteja fora, o imperialismo norte-americano está em nós, não estamos desvinculados dele enquanto um processo, e nós continuaremos alimentando-o, enquanto nós, dentro desta relação, nos submetemos a tudo aquilo que nutra a continuidade deste imperialismo.

Somente damos início a um processo de mudança a partir do momento que buscamos a libertação da condição de oprimidos, não para nos tornarmos opressores, mas para atingirmos a outra margem, que está livre desta relação contínua, dolorosa e cansativa existente entre opressores e oprimidos. Pode ser que nunca cheguemos lá, pois se tratando de um ideal, é como se tentássemos atingir o horizonte, ao darmos um passo rumo ao horizonte ele se distânciava um passo de nós. Mas se ao caminhar nesta direção e percebermos que as relações entre os seres vivos se tornam mais amistosas, solidárias, livres de uma conduta violenta, racista, sexista, consumista, mecanicista e egocêntrica, compartilho com os *outros* o benefício que vamos encontrando ao seguir naquela direção, a direção da libertação. Libertação da violência que nos é cotidianamente mostrada na televisão constituindo uma banalização da violência; libertação da maldade manifestada nas ações de seres humanos que devido à expansão

de sua complexidade, ausência de compreensão de si e insensíveis à rede viva que nos conecta a tudo e a todos, nutrem-se da ignorância do povo e passam por cima tudo e todos para realizar seus desejos egocentrados.

O próximo ponto que comento, é o ponto que dará o tom dos próximos capítulos, ponto de extrema importância para mim na obra *Pedagogia do Oprimido* é o que comenta sobre o fato de que nós, sejamos opressores ou oprimidos, independente da relação, hospedamos ambos, opressor e oprimido, dentro de nós.

Como realizamos um mundo ideal lá fora, se dentro de nós ainda não somos capazes de realizá-lo minimamente? Por que há este descompasso entre o que pensamos e o que idealizamos? Será que não seria mais fácil acolhermos o *outro*, se tivéssemos a oportunidade de acolher aquilo que temos de estranho em nós? Como seremos capazes de dialogar se inexistente em nós a habilidade de acolher sensivelmente a fala do *outro* que é tão diferente? Como seremos corajoso, se somos guiado por um antigo medo que se hospedou em nós função de uma situação opressora do passado e que continua a nos oprimir inconscientemente? Como conseguiremos o trazer amor ao mundo, se internamente estamos confusos em relação ao amor ? Quem somos nós? O que é Eu? Essas são perguntas simples, e muitos que se atiram ao mundo com tanta intensidade, as vezes até por uma questão de necessidade, podem passar batido por elas, por acharem que não há tempo para a reflexão ou ingenuamente as estereotipam como conversa de filósofos, conservando suas mentes na alienação. Há, assim como uma ciência que não mais se dedica ao benefício da humanidade, há também uma filosofia que não se preocupa com isto, perde-se no deleite que é provocado pelos filósofos ao desvelarem o infundável campo do conhecimento, mas se sondadas com cuidado e principalmente somadas a determinados tipos de prática podem conduzir o indivíduo uma profunda experiência de *Si Mesmo*, capaz de alterar radicalmente sua visão e suas relações, dando a vida humana, qualidades que até antes desta experiência eram inexistentes ou simplesmente estavam adormecidas.

Não há uma ordem específica para começarmos a caminhar em direção a esse *outro mundo possível*. Apesar de nos últimos a humanidade, em sua grande maioria, não tenha exercitado práticas que conduzam-na a um pragmático processo de investigação de seu universo interior, percebe-se que muito tem sido feito para atingir este ideal de uma sociedade justa, igualitária, solidária, livre. No entanto, se paralelamente a este trabalho de luta, seja ele através das políticas públicas, movimentos sociais, ONGs e até mesmo lutas partidárias, não fizermos um exercício de investigação sobre nós mesmos,

não encontrarmos e removermos as raízes que condicionam nossa conduta egocentrada para migramos para uma conduta *ecocentrada*, todas as mudanças que realizarmos, serão superficiais. Corremos o risco de jogar fora tudo o que fizemos de bom e criarmos tantas regras e leis ao ponto de democraticamente estabelecermos uma ditadura para nos proteger de nós mesmos.

Do Admirável Mundo Novo até A Ilha

No livro a “A Ilha”, último romance publicado de Aldous Huxley ao invés de se dirigir a um futuro sombrio e que levava o fordismo ao extremo como em “Admirável Mundo Novo”, o autor tece a estória onde o jornalista Will Farnaby vai parar na Ilha de Pala, lá, encontra uma sociedade que se encaminha serenamente rumo à felicidade. Na utópica ilha de Pala a ciência ocidental se fundiu à espiritualidade oriental. Huxley nos apresenta um Estado Ideal onde o foco é a satisfação plena de todo o potencial humano. Durante todo o livro, fica expresso a necessidade dos seres humanos compreenderem o funcionamento de suas mentes e corpos, que terá de ser atendida caso quisermos construir um sociedade melhor. Detalha como isto é feito desde as crianças até a idade adulta. A Constituição de Palanêsa atribui ao cidadão palanês o dever de conhecer a Si Mesmo. Sexo, espiritualidade, emoções, a mente humana e sua interação com o corpo, nas escolas de Pala, são dimensões centrais do processo educativo. Tudo para educar um ser humano esclarecido acerca de sua condição; de suas necessidades e como realizar uma expressão sadia de sua libido, não prejudicando a si mesmo e nem aos outros. Huxley também apresenta um elaborado sistema onde as crianças tem o direito fugirem de suas casa para morar com outras famílias palanêsas que foram escolhidas para a criança por um programa do governo antes mesmo desta nascer. O sistema sspcoaç da Ilha é uma espécie de comunismo e para realizar esta educação para o conhecimento e Si os personagens do livro de Huxley, utilizam-se da teoria e prática do budismo tibetano; exercícios corporais que muito se parecem com psicoterapias corporais como a Core Energetics criada por John e Eva Pierrakos; sexo tântrico e em ultima instância utilizam-se do que no livro dá-se o nome de *Moksha*, que em sânscrito que dizer liberação, aos cogumelos sagrados muito conhecidos pelas tradições xamânicas norte-americanas usados como aliados na realização do contato com deidades e estados numinosos. Todas essas vias eram utilizadas para conduzir os seres a outros estados de consciência, compreendendo que, sem acesso a eles, o ser estaria privado de informações importantes para o alcance de uma existência plena.

Nos tópicos, busco explicitar um pouco sobre o que vem sendo estudado no campo do que ficou conhecido como Psicologia Transpessoal e de que forma suas descobertas contribuem para repensarmos e reconstruirmos a educação. Esse campo de pesquisa se debruça sobre os diversos *estados de consciências*, fenômenos tidos como paranormais, experiências de quase-morte (EQM) entre outras. Na sequência, serão apresentadas as razões que sugerem a necessidade de desenvolvermos uma educação

para uma *alfabetização psíquica* (CREMA, 2009) que nos permita conscientizarmos-nos de nossos mundos interiores, realidades paralelas, dos seres arquetípicos que as habitam e assumirmos também uma postura emancipatória no que toca a libertação de nossos opressores e oprimidos internos. Ao final faço breve relatos sobre experiências vividas pelo coletivo PET-Edu na oficina de nome Lente Aberta realizada no plicado no Centro de Ensino Médio da Asa Norte (CEAN) onde fizemos intervenções que se enquadram numa tentativa de uma Educação Transpessoal ou *Pedagogia Sapiencial* e compartilharei relatos dos jovens que participaram do projeto Lente Aberta.

Uma breve história da Psicologia Transpessoal

A psicologia transpessoal é conhecida como a quarta força na psicologia. Em psicologia entendem-se quatro forças onde a primeira está envolvida com o comportamentalismo, a segunda força a psicanálise que tem como expoentes Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Alfred Adler, a terceira força seria o movimento humanista que teria se desenvolvido não a partir do estudo das patologias e casos de pacientes considerados doentes, mas teria se desenvolvido a partir do estudo daqueles sujeitos que eram considerados “felizes” ou satisfeitos com a própria vida. Foi no movimento da psicologia humanística criado por Abraham Maslow e Anthony Sutich e Stanislav Grof que surge a psicologia transpessoal. Abraham Maslow se destacou por estudar as *metanecessidades* e as *experiências de pico*. Maslow é considerado talvez o primeiro a prever o nascimento da psicologia transpessoal. Segundo Maslow, a psicologia humanista carecia de elementos espirituais que futuramente se manifestariam dentro de uma quarta força na psicologia. (GROF, Stanislav. Brief History Of Transpersonal Psychology. Califonia, 2008.<<http://www.transpersonalstudies.org/ImagesRepository/ijts/Downloads/Brief%20History%20of%20Transpersonal%20Psychology.pdf>> Acesso: 01 de abril de 2013).

A Terra olha para dentro: Psicologia Transpessoal e as pesquisas da Consciência.

A aproximação entre a Educação e Psicologia Transpessoal se torna necessária a partir do momento, em que as pesquisas no campo da consciência, trazem a tona, novas compreensões sobre o ser humano. Se uma educação busca educar o ser humano para sua *inteireza* (SANTOS NETO, 2006) é necessário incorporarmos à prática educativa o máximo de elementos que compõem o ser humano.

As contribuições do Movimento Transpessoal surgem a partir da investigações de fenômenos considerados paranormais, experiências de quase morte (EQM), sonhos lúcidos, hipnose, *experiências de pico*, a interação de indivíduos com drogas psicodélicas, o transe mediúnico, meditação, *experiências fora do corpo* (EFC), inúmeras práticas conhecidas dentro do universo da Yoga Hindu, as também chamadas de *emergências espirituais* que seriam crises aonde o indivíduo sem buscar conscientemente qualquer tipo de caminho começa a relatar a vivência de fenômenos como o contato com seres que habitariam realidades paralelas à nossa. A psicologia transpessoal pesquisa também práticas corporais desenvolvidas para que, de alguma forma, conduzam a *estados holotrópicos de consciência*, como a bioenergética, kundalini yoga e a respiração holotrópica desenvolvida pelo casal Christina e Stanislav Grof.

Ao estudar essas experiências, o movimento Transpessoal admite a possibilidade de existência de outros estados de consciência que de acordo com Ken Wilber (1977), seriam outras faixas operacionais da consciência. Os estados mais conhecidos pela humanidade e pela ciência moderna seriam a vigília, o sono, sono profundo e os sonhos. As observações feitas por pesquisadores como Stanislav Grof, o levaram a construir uma nova cartografia para a consciência humana, esta cartografia admite a existência de outros *estados de consciência* e o acesso a eles, segundo Grof (1990) teriam a potencial significativo para transformar radicalmente nosso modo de ser, pensar e interagir com o mundo. É diante dessa complexa e abrangente compreensão de psique e da formação do sujeito, ilustrada por Stanislav Grof em sua pesquisa, que admitimos que o pensar e fazer pedagógico precisa ser revisto, pois negarmos a investigação científica feita por Grof é esquivarmos-nos de uma dimensão humana tratando-a como inexistente, é no mínimo, uma irresponsabilidade.

Um dos problemas enfrentados pela corrente científica moderna é que ela é etnocêntrica e cognocêntrica, ou seja, além de acreditar que sua cultura científica é a melhor, mais precisa e verdadeira, é centrada em um único modo de conhecer a realidade, os cinco sentidos. Consideram as *experiências de pico*, transe e todo e qualquer *estado incomum de consciência* como fruto de uma psicose vivida pelo indivíduo. O que na psicologia transpessoal é entendido como vivências reais, que auxiliam os seres humanos compreenderem a si mesmo, é tido como patologia para a maioria dos pesquisadores da modernidade (GROF, 2000).

O estudo sobre os *estados não comuns de consciência* compreendem a existência de outras dimensões que compõem a psique, dimensões que o indivíduo nem sonha que fazem parte dele e muito menos imagina o quanto estas dimensões tem influência sobre sua visão de mundo e maneira como se relaciona com ele.

A psicologia transpessoal entende para que haja verdadeira transformação na realidade que vivemos, além de um trabalho externo é necessário também que realizemos um trabalho interno que pode se resumir à vivência da espiritualidade humana. A espiritualidade aqui se reporta à vivência de uma profunda experiência de si mesmo e a vivência de experiências que Jung nomeou como numinosas. (GROF, 1990)

Em outras palavras, precisamos aprender de alguma forma a penetrar nosso inconsciente; tornamos-nos conscientes das forças que interagem dentro de nós. Tomar consciência do que nos condiciona, do que nos torna opressores e do que nos oprime; reconhecer as limitações que precisam ser superadas. E assim assumir a responsabilidade por nossa transformação para atingirmos a integridade, uma união entre aquilo que idealizamos com o que vivemos. O acesso a tais estados, diferente do que muitas vezes é criticado, como um processo de desconexão da realidade mundana e alienante, significa na verdade, um processo de tomada de consciência da dinâmica de nosso mundo ou mundos interiores, que assim como qualquer outra *conscientização*, possibilita a manifestação de atitudes conscientes diante daquilo que se conscientiza.

A cartografia da Consciência segundo Stanislav Grof

O doutor Stanislav Grof atua como pesquisador da Consciência, nos últimos 40 anos dirigiu mais de 4 mil sessões psicodélicas ministrando substâncias tais como LSD, psilocibina, mescalina, dipropil triptamina (DPT), e metileno-dióxido-anfetamina (MDA). Teve acesso a mais de 2 mil sessões de colegas. Realizou mais 30.000 sessões, com a prática desenvolvida por ele e Christina Grof sua esposa, a Respiração Holotrópica e também trata pacientes que vivem crises psico-espirituais espontâneas. Através do estudo de caso, observação do comportamento dos pacientes enquanto estavam nas sessões holotrópicas e ouvindo seus relatos, observou e catalogou os padrões que se repetiam nas experiências dos pacientes (GROF, 1998)

Grof propõe uma nova cartografia da consciência onde leva em consideração o modelo apresentado por Freud e Jung, mas detalha um pouco mais o que nomeia de inconsciente. Freud deu ênfase na vida do indivíduo, nas interações deste com sua família dando ênfase significativa no papel do pai e da mãe, sobretudo dentro no Complexo de Édipo. Jung vai além, ao conceber um inconsciente que é compartilhado pela humanidade e que guarda em si as memórias da humanidade. Grof, além de se remeter às matrizes perinatais, que segundo ele seria uma matriz que se encontra entre o *biográfico-rememorativo* de Freud e o *Inconsciente coletivo* de Jung, desbrava o campo que denominou *Transpessoal* (SANTOS NETO, 2006).

Segundo Grof (2000), as matrizes perinatais guardam nossas lembranças e acontecimento referentes ao momento em que estávamos dentro do ventre materno. Concebe-se que o período que se passa dentro do ventre já significativamente na formação da personalidade do bebê. E então elabora mais um conceito baseado na percepção de uma esfera para além do *Inconsciente Coletivo* que seria o domínio *Transpessoal*. O domínio transpessoal, como o nome diz transcende o indivíduo e transcendendo mesmo até o humano, acessando-o ele poderia nos levar às mais diversas e inusitadas experiências, seria uma espécie de banco de dados com a memória dos planetas, constelações, galáxias distantes, seres diversos, terrenos e extra-terrenos, enfim um acesso direto à toda informação que consta nas entranhas de todo o Cosmo.

Tradições e os Estados de Consciência.

O acesso à outros estados de consciência é tão antigo quanto a humanidade, é vastamente conhecido por tradições milenares que habitavam o que o europeu deu o nome de América. Os xamãs eram profissionais na arte de penetrar outras realidades e trazer dela uma compreensão requisitada pela aldeia dentro de seu dia-a-dia (MCKENA, 1995). Seja para uma instrução sobre como encontrar a planta certa para realizar determinado ritual, seja perguntas sobre os mistérios da vida, os xamãs penetravam esses *mundos paralelos* e traziam de lá informações e traziam também curas psicofísicas para um enfermo. As tradições como as xamânicas, possuem um conhecimento pragmático sobre outras realidades, como penetrá-las e como se movimentarem seguramente dentro delas de modo a encontrar aquilo que se busca e como retornar a sem danos à realidade ordinária. Podemos dizer que os xamãs, monges, yoguis e outras tradições que conhecem os *estados holotrópicos de consciência*, seriam como que a Escola de Sagres da história das navegações da Consciência.

Na antropologia teremos duas correntes, uma que enquadrará as habilidades do xamã em algum tipo de imaginação ou fantasia e a outra antropologia, como a de Carlos Castaneda, que admite a existência de realidades *transfenomais* (GROF, 200). Infelizmente, o trabalho de Castaneda é considerado um excesso de interação entre pesquisador e objeto de pesquisa onde este se perdeu na fusão e não conseguiu atender aos padrões estabelecidos pela comunidade acadêmica, na introdução de uma edição de seu livro *A Erva do Diabo*, ele chega a pedir desculpas por desapontar a comunidade científica ao ultrapassar os limites entendidos como admissíveis, para uma produção acadêmica, no campo da antropologia que lhe foi ensinada.

Os estados meditativos podem ser considerados *estados holotrópicos*. Há uma enorme quantidade de tradições que desenvolveram técnicas específicas para acessá-los. Os sufistas, a Cabala judaica, a Yoga Hindu, o Hescasma Cristão, o tantra indiano, o budismo tibetano, o zen, todas essas tradições desenvolveram técnicas e a estruturação sistemática do que se vive ao praticá-las (GOLEMAN, 1996). O budismo, por exemplo, narra a existência de oito *jhanas*, ou *estados de absorção profunda*, o praticante ao executar determinadas técnicas de meditação, penetra-os com a faculdade da *equanimidade* que a grosso modo se resume a um postura mental exercida pelo meditador onde este permanece observando tudo o que acontece sem reagir ao que

acontece com desejo ou aversão, ele simplesmente observa e gradualmente acessa esses estados meditativos profundos que segundo o budismo corresponde à planos existenciais habitados por inúmeros seres, eles são vividos pelos meditadores com tanta realidade como a realidade que conhecemos cotidianamente. Atravessando os *oito jhanas* o meditador, segundo o budismo, chegaria até a realização de *Nibbana*, entendido como a libertação de todo o sofrimento, a libertação do eterno ciclo de renascimentos comumente conhecido como *samsara*. (GOLEMAN, 1996)

A obra Yoga Sutras de Pattanjali é muito conhecido pelos praticantes de Yoga. Pattanjali viveu no que hoje é conhecida como Índia há uns duzentos a quatrocentos antes de Cristo. Ele sistematizou o que nomeou de Ashtanga Yoga que significa os *oito passos*, segundo ele seria um passo a passo para se acessar ao final o *samadhi*. O *samadhi* é entendido como a ausência da percepção de dualidade, onde o indivíduo se dissolve na totalidade, realiza o *Atman* em *Brahma*, a consciência individual se dissolve na Consciência Cósmica ou o que o filósofo Ken Wilber (2006) chamou de *Grande Mente*. Realizando o *samadhi*, segundo os yoguis eles estariam a um passo de atingir *moksha*, a meta final da escalada, a saída do que entendem ser o tortuoso eterno ciclo de sofrimento, é interessante notar que ao realizar o último degrau das diversas escolas o que é narrado como produto final é um ser de conduta ética impecável. (GOLEMAN, 1996).

Até aqui percebemos algo óbvio, existe uma relação entre os *estados holotrópicos de consciência*, espiritualidade e as religiões. Grof diz:

E, geral, o estudo dos estados holotrópicos confirma o *insight de C. G. Jung* de que as experiências orgniárias dos níveis mais profundos da psique (em minha própria terminologia, experienciais “*perinatais*” e “*transpessoais*” tem uma certa qualidade que (segundo Rudolf Otto) ele chamou de *numinosidade*. O termo *numinoso* é relativamente neutro e, assim, preferível a outros nomes semelhantes tais como religioso, místico, mágico divino ou sagrado, que têm sido usados em contextos problemáticos e que enganam facilmente. O sentido de *numinosidade* baseia-se na apreensão direta do fato de estarmos encontrando um domínio que pertence a uma ordem superior da realidade, que é sagrada e radicalmente diferente do mundo material.(GROF, Stanislav. *Psicologia do Futuro*. Rio de Janeiro, 2000, p204.)

Então os *estados holotrópicos consciência* são apenas um tipo de estado de consciência dentro de uma infinita gama de estados de consciência. Os estados tidos como holotrópicos possuem esta qualidade *numinosa* como nomeada por Jung, são marcadas

pelo encontro com figuras arquetípicas e que transmitem, àqueles que a vivem, uma ordem superior da realidade.

Grof relata algumas características que se desenvolveram naqueles que tiveram vivências holotrópicas. Grof (1994) propõem a teoria do Sistemas de Experiência Condensada (COEX) . Os COEX seriam constelações de eventos significativos enraizados em nós, que nos guiam em nossa caminhada pela existência. Estes COEX nos influenciam o comportamento, alguns podem ser benéficos e outros prejudiciais. Por exemplo, o caso de um rapaz que tinha o hábito de pagar a alguém, que usasse um tipo de roupa preta e o conduzisse a algum lugar para que lhe violentassem. Segundo Grof (1995), nas experiências holotrópicas algo como que um radar escaneia corpo e mente trazendo à tona os eventos principais dos COEX que tenham tido algum tipo de efeito negativo em nossas vidas. Em uma sessão o rapaz ao viver uma experiência holotrópica tem visões do momento em que esteve em campos de concentração onde fora violentado por soldados alemães durante a guerra mundial. Nessa vivência o rapaz teve a possibilidade de desestruturar aquela COEX e não mais ser influenciado por ela. (GROF & BENNET, 1994)

O caso mostrado acima, ilustra a possibilidade de superação de traumas desenvolvidos no passado, através de um processo onde se toma consciência daquilo que estava inconsciente em si. Mesmo o paciente estando inconsciente do que desencadeou aquele tipo de comportamento, aquele fato influenciava na maneira como o indivíduo se relaciona com o mundo. Esta é uma possibilidade das experiências *holotrópicas*, tomarmos consciência de quais acontecimentos foram significantes em nossa vida no sentido de terem deixado em nós, traços psicológicos que nos levam a reagir de determinada forma em nossas vidas. No caso de uma característica indesejada, que cause algum tipo de constrangimento ou incômodo ao indivíduo e àqueles que o cercam, ele será capaz de reconhecê-la e superá-la.

Grof concebe as matrizes *perinatais*, como relevantes na formação da personalidade do indivíduo. Há relatos de experiências *holotrópicas* onde a pessoa vivencia o momento que estava dentro da barriga de sua mãe, e o período que passou lá dentro em relação não só com o que acontecia lá dentro, mas também com os estados emocionais da mãe durante a gravidez e o envolvimento da mãe com as coisas que a cercava, vivencia a difícil saída na hora do parto, a morte de uma condição para o

renascimento em outra. O momento em que o indivíduo se encontra no parto é crucial para a formação de sua personalidade, a existência de complicações na hora do parto ou relacionamentos turbulentos da mãe com outros afetariam a formação da personalidade da criança. Através das vivências em *estados holotrópicos* o indivíduo, segundo Grof pode reviver as COEX relacionadas ao período da gestação e dissolvê-las não sendo mais influenciado pelas experiências traumáticas do período de gestação e parto.(GROF & BENNET, 1994)

No reino transpessoal, tornam-se possível a mais variada gama de experiências, dê de identificar-se com uma outra pessoa ao ponto de sentir-se como se penetrasse-a e fosse capaz de sentir e saber tudo o que ela pensa, ao ponto de sentir-se o próprio outro. Pode-se ir além disso e sentir-se identificado com toda a humanidade, experienciando a humanidade como um corpo terrestre em sua totalidade, transcendendo o tempo e espaço vivendo outros momentos desta humanidade no planeta terra, o que pode despertar no indivíduo uma motivação para trazer paz e harmonia ecológica para o planeta. (GROF & BENNET, 1994)

Segundo Grof nos reinos transpessoais podemos viver convincentes experiências onde sentimos nossa consciência penetrando a consciência de outras coisas e se identificando com elas, plantas, animais, a própria Terra, *a totalidade da vida* e até mesmo materiais inanimados como a água, fogo, terra e ar.

Os estados e estágios de consciência e os quadrantes de Ken Wilber

O filósofo Ken Wilber desenvolveu um complexo sistema entendido como Espiral Dinâmica. A Espiral Dinâmica é um modelo de desenvolvimento humano. Ele diferencia os *estados de consciência* e os *estágios* ou *níveis de consciência*. Segundo Wilber (2006) alguns seres ainda se encontram num *nível de consciência* excessivamente egocentros, incapazes de relativizar, e enfrentam dificuldades nas relações com aqueles que considera diferentes. Há a possibilidade onde através do acesso, permanência e familiarização com outros *estados de consciência* o indivíduo transforme o *estágio* ou *nível de consciência* em que se encontra, migrando, por exemplo, até um *estágio de consciência pluralista* onde ele se torna, a partir de então, um indivíduo que é capaz de se ver no diverso, reconhecendo e valorizando a diversidade e exercendo verdadeiro respeito às alteridades.

Um dos trunfos de Wilber, é sua divisão das formas com que os seres humanos tem se aproximado da realidade para compreendê-la e a divide em quatro quadrantes. Sua contribuição no sentido de explicitar, que enfoque estamos deixando de lado ou olhando menos. Os quadrantes narram duas possibilidades de observação, pode-se observar individualmente uma coisa ou um sujeito. E pode se investigar um coletivo. Para ambas as observações de um indivíduo, coisa ou coletivo há duas perspectivas uma observaria a subjetividade e a outra a objetividade ou como Wilber diz sua dimensão interior e sua dimensão exterior.

No quadrante inferior esquerdo, se agrupam os estudos da antropologia que vai investigar a cultura, linguagem, relacionamentos, valores e a visões de mundo de um coletivo. Neste campo se destacam pesquisadores como Lévi-Strauss e Max Weber.

No quadrante inferior direito, localizam-se o formas de conhecer que partem da observação da sociedade e do meio ambiente, aqui está teoria dos sistemas, a ecologia, sociologia e uma de suas referências seria Karl Marx e sua compreensão da realidade a partir do Materialismo Dialético.

O quadrante superior direito é tido como aquele que estuda o cérebro, a fisiologia, o comportamento do corpo humano de uma célula, de uma molécula subatômica. Aqui encontramos a física, química, biologia, neurofisiologia.

Finalmente o quadrante superior esquerdo, o quadrante que agrupa as investigações da identidade e consciência. Seria o campo de conhecimento da Fenomenologia, Meditação, Psicologia e da Espiritualidade. As referências no campo, Wilber cita, Freud, Jung, Piaget, Buddha entre outros. Wilber lembra que há aqui duas formas também de observar, aquele que investigaria o *outro* na tentativa de compreensão da subjetividade humana a exemplo Freud e investigação de seus pacientes e aquele que investiga a *si mesmo* como o caso do Buddha com a meditação. Este quadrante é o que, de certa forma, em relação aos outros quadrantes tem sido menos investigado pelo meio acadêmico. A objetividade buscada pelo método científico é resistente à observação do interior da mente humana, como se penetrá-la e compreendê-la por dentro estritamente vivido por cada um é de difícil comprovação por parte de uma comunidade de validação.

Apesar de audaciosa a Teoria Integral de Wilber, em um sentido mais prático descreve a importância de encontrarmos paralelos entre as diversas áreas do conhecimento para que possamos dialogar e construir compreensões abrangentes da realidade que não se fechem em si mesmas. Seria talvez o que Paulo Freire faz ao dizer que quanto mais estuda Marxismo mais elementos ele tem para se tornar camarada de Cristo e quanto mais se aproxima do Cristo mais elementos tem para se tornar camarada de Marx. Se olhássemos nos quadrantes perceberíamos que Cristo e Marx se encontram em direções diametralmente opostos, mas que nem por isso deixa de haver entre eles uma conexão, que é enxergada por aquele que busca a síntese, a transcendência da visão que enxerga apenas um ou outra como “A Verdadeira”, para a realizar uma perspectiva que, reformula, sintetiza, integra.

Wilber e Grof, ambos frisam a importância da busca da vivência de nosso mundo interior, como via para a vivência de um processo de radical transformação de nossa visão que desencadeará uma transformação também da maneira como nos relacionamos. Grof, através de sua pesquisa afirma várias vezes que seus pacientes transformaram suas vidas, superaram traumas de infância, tornaram-se menos apegados à materialidade, alguns desenvolveram empatia profunda pela Vida e se engajaram na luta pela paz e harmonia ecológica do planeta Terra.(GROF & BENNET, 1994).

Wilber (2006) fundamenta sua concepção de desenvolvimento contando com as vivências de outros estados de consciência atingidos através da meditação, indica que

no *nível de consciência pluralista* o indivíduo busca a distribuição igualitária de oportunidades e recursos, respeita diferentes pontos de vista., sabe escutar, tem uma postura anti-dogmática e realça as necessidades das comunidades ao invés da sua.

Abrindo a Lente

Foi no início do ano de 2012 que integrantes do PET-Edu iniciaram no CEAN o projeto de Extensão em Educação Popular Lente Aberta. Quando falamos sobre cultura popular pensamos logo em alguma cidade ou comunidade local econômica desfavorecida repleta de *esfarrapados do mundo*. Nos perguntávamos: Que aluno hoje que frequenta a escola hoje não é um *esfarrapado do mundo*? As escolas se tornaram uma máquina de monocultura mental, que atendem às demandas do mercado de trabalho, afastou-se da realidade que transcende as grades da janela da sala de aula. Tornou-se uma creche aonde os pais ocupados deixam seus filhos. Há pouco espaço para compartilharem suas experiências, treinam nossos alunos na arte de ler as nuças uns dos outros. O professor, grande detentor do saber, deposita-o nas máquinas à sua frente. A máquina com maior habilidade de armazenamento é rotulada com números de 8 a 10 enquanto as outras recebem o nº de 7 a zero sem nem mesmo serem esclarecidas de seu significado, seguem acreditando que são máquinas inferiores, burras ou simplesmente incapazes. Nos transmitem conhecimentos tidos como verdades, onde nem sequer somos convidados, a suspeitar da historicidade daquele saber que está nos sendo depositado.

Se temos aulas de Arte, não fazemos arte, ficamos simplesmente contemplando ou até mesmo imersos numa distração profunda enquanto o professor exhibe inúmeros trabalhos na aula que é de história da arte. Se temos aulas de filosofia, ao invés de filosofarmos, temos aula de história da filosofia. Somos vigiados, para ir ao banheiro fazer nossas necessidades físicas, precisamos pedir permissão a uma autoridade, que nesse caso é o professor. Nossas mentes são educadas para que de cinquenta em cinquenta minutos alternemos de uma disciplina para a outra.

Quando há total ausência de conexão, entre aquilo que é transmitido na sala de aula e nossas vidas, e então simplesmente decidimos mandar uma mensagem via celular para alguém ou viramos ao lado para conversar com alguém, somos taxados de dispersos e apreendidos por nossa conversa paralela.

Nas aulas de Educação Física, ao invés de aprendermos sobre saúde e entender na prática, como manter nossos corpos saudáveis, o professor lança algumas bolas na mão de alguns grupos e diz: “Livre!”. Tudo bem, pelo menos ele, ao invés de oprimir,

fez aquilo que a música *Another Brick In The Wall* da banda Pink Floyd dizia: “Deixe as crianças em paz!”

Alguns anos se passaram, mas não são todos que tem a oportunidade de vivenciar, dentro da escola, uma realidade diferente desta que foi narrada acima. Portanto, concluímos que também são *esfarrapados do mundo* aqueles que são submetidos a esta *educação bancária* (FREIRE, 1981).

Uma passagem de Paulo Freire representa bem o que nos impulsionou a realizar o projeto:

“Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, na salas de aula das escolas nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, do pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação.” (FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p44.)

Foi partindo das visões e valores valiosíssimos que fomos aprendendo em experiências fora da escola, que criamos dentro do Centro de Ensino Médio da Asa Norte (CEAN) uma outra atmosfera, um outro tempo onde abríamos um espaço para vivenciarmos dentro da escola, uma outra maneira de se relacionar com o conhecimento, com a sala de aula e seus atores. Ampliamos o caos do intervalo para cuidar de nossos *outros* dando atenção às emoções, “conversas paralelas”, brincadeiras, compreensões de mundo, ideais e formas de se relacionar com o mundo.

Nós, os animadores do grupo, éramos três estudantes de pedagogia. A turma era formada por cerca de dezoito alunos do primeiro ano do ensino médio. Parte dos alunos eram alunos que estavam fazendo o ensino médio pela segunda vez. Optamos por dividir a turma em mesmo número de meninos e de meninas, mas acabamos ficando o número de mais homens.

Nosso objetivo era nos situarmos no mundo a partir de uma construção do conhecimento que surgia dentro da sala, a partir da exposição dos pontos de vista dos estudantes. Entendíamos a necessidade de tomarmos pé do momento histórico em que nos encontrávamos como grupo para que pudessemos propor algo se é que achássemos que devíamos propor algo. Simultaneamente ao processo de conhecermos o mundo que

habitamos e tecermos nossas críticas e proposições, também desencadeávamos dinâmicas para o exercício de uma interiorização que nos possibilitasse familiarização com nosso mundo interior, refinando nossa percepção, aguçando nossa intuição e refletindo sobre nossa participação real diante daquilo que nosso propomos.

Formamos um cronograma de atividades com os alunos de acordo com aquilo que eles gostariam de investigar. Definimos algumas discussões chave, que se distribuíram nos seguintes tópicos: Identidade, Cultura, Educação, Sociedade, Capitalismo, Religião e Espiritualidade, Mídia, Liberdade e Interdependência, Sexualidade, Seres Humanos e suas relações com o Meio Ambiente, Drogas e Política.

Todos os encontros eram acompanhados por alguma dinâmica ou prática que exigia a presença dos educandos. Não eram quaisquer práticas, nós utilizávamos as *tecnologias do sagrado* (GROF, 2000), *tecnologias conscienciais* (CREMA, 2009) ou *holopraxis*, eu as chamaria simplesmente de Tecnologias do Ser, provenientes das tradições sapienciais orientais e ocidentais. A exemplo, a yoga, meditações dinâmicas, meditações de concentração, exercícios de imaginação criativa, compartilhar os sonhos, contemplação de mandalas, utilização de danças em círculo com música evocativa e danças xamânicas. Na passagem abaixo o Psicólogo e Antropólogo Roberto Crema, atual reitor da Universidade da Paz de Brasília ilustra a importância do desenvolvimento de práticas como estas dentro da sala de aula:

“Estas vias de desenvolvimento da inteligência noética precisam ser introduzidas nas escolas, numa perspectiva transreligiosa, se quisermos que a educação abranja a dimensão consciencial, fonte de uma ética natural da inteligência do coração. A escola emergente, respondendo aos desafios do novo milênio, será uma escola de liderança, onde cada aprendiz aprenderá a arte de sileciar os diálogos internos para ser capaz de apreender a realidade viva mediante uma visão original e uma escuta inclusiva. Pelo desenvolvimento da dimensão noética, nos aproximamos da fonte da criatividade máxima, do manancial da sabedoria inata da espécie, de onde emana uma liderança intuitiva e silenciosa.” (CREMA, Roberto. *Pedagogia Iniciática* 2009, p.81)

A perspectiva transreligiosa tentada pelos organizadores do Lente Aberta, se apresenta de maneira que não há uma tentativa de condução do estudantes para algum tipo de religião, a proposta é apenas manter aberta a porta que concebe a existência de tradições que lidam com outros estados de consciência e que possuem uma outra compreensão do mundo de mente e matéria em função de experiências que estão para além dos quatro estados de consciência comumente conhecidos: vigília, sonho, sono e

sono profundo. Fizemos exposições sobre o assunto apresentando o estudo feito por alguns autores como Grof e Jung. Houve discussões em que falamos abertamente sobre as cosmologias de tradições indígenas, povos antigos como os maias e também das cosmologias orientais, inclusive alguns participantes também se sentiram a vontade para compartilhar suas visões sobre como entendem o Universo. As ações nesta dimensão se tratavam de um resgate às dimensões deixadas de lado pela escola, nos aprofundávamos no *quadrante superior esquerdo* de Wilber ou desinibidamente falando, falávamos sobre espiritualidade humana.

Experimentamos outras práticas que não iam também apenas nesse sentido de introspecção, trabalhamos com o Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Criamos práticas que buscavam basicamente trazer a atenção para os sentidos, despertando um estado de presença e indagávamos os alunos acerca de suas atitudes em relação àquilo que ia sendo proposto por eles mesmos durante a oficina.

É importante lembrar, que no início de nossa oficina, nós combinamos com os educandos que todos tinham autonomia para abandonar a sala no momento em que desejasse, por qualquer motivo, ninguém era obrigado a discutir o tema que não queria e não era obrigado participar do momento vivencial caso não estivesse com vontade, e também não seria questionado sobre sua decisão.

Trabalhamos com estilos musicais e letras das músicas sugeridas pelos educandos para questionarmos a eles mesmos. O *reggae* era um estilo musical apreciado por todos. Utilizamos as letras do *reggae*, que basicamente falam sobre paz, respeito entre as pessoas, liberdade e convivência harmônica com o meio ambiente. Utilizamos as suas escolhas musicais para questioná-los sobre o quanto daquilo que era idealizado nas canções estava de fato incorporado em sua conduta no cotidiano.

Após o momento de *holopraxis*, colocávamos som ambiente, formávamos uma roda e compartilhávamos a experiência. Após isso, adentrávamos um dos temas que foram citados. Enquanto animadores do grupo, nós do PET-Edu, buscávamos dinamizar a discussão, estimulando a expressão daqueles que ficavam excessivamente calados, destravando a discussão, as vezes emperrávamos em um ponto e era necessário que um de nós interferisse para que pudéssemos prosseguir. Posicionávamos-nos, não num sentido de impor a eles a ideia de que se rebelassem contra o que quer que seja, mas desafiávamos eles a perceberem a violência às quais eram submetidos e situá-los num

tempo histórico para que percebam que as coisas não são mágicas e surgem do nada. Existiu em um certo momento, escolhas baseadas em interesses políticos e econômicos de *outros* que estruturaram o mundo que vivemos agora. Mantínhamos sempre um espírito esperançoso, que entende que, se exercemos ativamente a cidadania, somos capazes de co-criar a realidade que vivemos.

O movimento que fazíamos na escola começou a se tornar popular. Os estudantes não sabiam dizer o que é acontecia no Lente Aberta para os outros que não participavam, mas convidavam seus amigos para aparecerem. A oficina começou a receber estudantes de outras turmas que algumas vezes até mataram outras aulas para irem nos acompanhar. Alguns alunos, quando algum professor faltava e vagava o horário na hora que acontecia a oficina, iam para nossa oficina. A coordenadora, chegou a pedir para que nós inseríssemos dentro de nossas oficinas determinados temas como abuso de drogas e violência na escola, chegamos nesse momento a quase que nos configurarmos como um grupo de apoio. Conhecemos também o grêmio da escola, que estava abandonado e que seus participantes não entendiam nem para que servia o grêmio, nos parecia que se tratava da ocupação de algum cargo para alimentar um sentimento de popularidade entre aqueles que ocupavam o grêmio.

Considerações finais.

É impossível, mensurarmos as proporções que tomam as sementes que buscamos plantar durante este processo. Concluímos que não havia, o ensino do respeito e do cuidado, sem que respeitássemos e cuidássemos. Ao vermos pessoas como a nós mesmos, *inacabados* e em eterna busca por acabamento era possível dialogar de maneira horizontal, onde o que estava em jogo não eram conteúdos, mas sim, nossa busca por *ser mais* e o caminhos e formas que seguíamos na busca de *sermos mais*.

Tivemos momentos críticos ao lidar com uma ausência total de expressão e manifestação, no sentido de co-criamos juntos os caminhos para onde se encaminharia a oficina. Ausência, que nos sinalizava o engessamento das faculdades de expressão e autonomia em função de um processo educativo onde os educandos são privados da liberdade de escolher e criar. Um garoto ficou extremamente intrigado com nossa presença e com a forma como nós agíamos, ele disse que ficou cerca de dois meses tentando entender “o que é que eles querem observar na gente? O que eles buscam de nós?”, como se estivéssemos criando algum tipo de laboratório e eles fossem nossas cobaias para algum experimento.

Alguns encontros foram reservados para falarmos sobre a educação. Exibimos partes de alguns curtas e também utilizamos o teatro do oprimido para recriar situações onde existiam opressores e oprimidos, para que construíssemos um diálogo que aponta para uma relação possível de superação deste conflito. Os estudantes iniciaram um forte movimento de crítica a determinados professores. Decidiram se organizar para tirar o professor da escola e buscaram entender o poderia ser feito para isso. Como coordenadores da oficina, nós ouvimos as críticas e tentamos estimular uma reflexão sobre as contribuições dos alunos para aquela relação. Foi também quando pudemos falar sobre as relações de poder e até mesmo entender de que forma os estudantes poderiam se manifestar através de vias legais. Descobrimos, por exemplo, que a escola não tinha um conselho e por isso não havia representatividade legal dos alunos, nem mesmo existindo o grêmio. Neste episódio, tanto nós como os alunos pudemos entender como podemos encontrar vias legais para nos organizarmos exigir que sejamos representados, pelo grêmio, no caso, no conselho. Mapeamos a estrutura poder da escola e entendemos como nos articulamos dentro do espaço, descobrimos o grêmio e suas funções, descobrimos quem deveriam estar nos representando, mas não estavam. Vale a

pena ressaltar aqui que os alunos que participaram do Lente Aberta em 2012, formaram uma chapa e venceram as eleições para o grêmio em 2013.

Fizemos algumas avaliações ao longo das oficinas. Perguntávamos se de alguma forma eles sentiam que algo em suas vidas estava mudando e se percebiam que alguma mudança estava se relacionava com a oficina. Houve relatos que foram dê o reconhecimento de que nada havia mudado, até aqueles que diziam estar impressionados com o tanto que estavam mudando. Alguns relatos me impressionaram como o de uma garota que dizia: “Estou me descobrindo cada vez mais, sinto que estou sendo mais Eu. Estou me aceitando mais”. É interessante notar que esta garota era extremamente calada, era do tipo que aparentava estar com uma timidez enorme sempre que lhe lançávamos um olhar e conversávamos com ela. Tinha uma vaidade muito grande com o cabelo que ao longo do tempo deu espaço a uma pessoa mais aberta, menos tímida e até mesmo um pouco menos vaidosa demonstrando uma aceitação e reconhecimento de sua beleza natural. Vários foram os relatos que diziam que os participantes se sentiam descobrindo um pouco mais sobre eles mesmos.

Outro comentário foi o de uma garota que diz assim: “Sinto que minha cabeça está mais aberta e hoje, eu consigo escutar alguém, mesmo sabendo que na verdade eu é quem estou certa.” Falamos muito sobre multiplicidade de modos de ser, sobre a história que cada um carrega, exaltávamos a beleza existente no multiculturalidade. Na fala desta garota encontramos indícios de que estejamos conseguindo realizar uma educação para o respeito às alteridades.

Muitos alunos relataram que dentro daquele espaço se sentiam respeitados, alguns diziam que só vinham para a escola para estarem naquela oficina, era, segundo eles, o único espaço onde existia algo de interessante na escola. Entendemos que talvez seja mais interessante para os alunos, por que o conhecimento era construído a partir das conversas que representavam seus interesses. Muitas vezes até nós, coordenadores, nos surpreendíamos ao tomar ciência de coisas que antes não havíamos nos atentado.

Também foi unânime entre os alunos a expressão de que, se sentiam mais calmos, mais concentrados. Disseram que na oficina aprenderem a relaxar quando se encontravam em situações de *stress*, dando qualidade à resolução daquilo que precisava ser resolvido. Os alunos adoravam as práticas de introspecção, quando perguntávamos a eles quais práticas eles gostariam de repetir a maioria respondia: “Meditação!”. As

meditações eram muito queridas, pois traziam um estado de conforto, tranquilidade e paz. A pressão enfrentada por eles na escola e pelos dilemas da adolescência e casa certamente pode se amenizada através da prática de meditação. Além disso, a meditação que as vezes conduzíamos também era guiadas e contava com perguntas acerca de nosso próprio caminho, estimulavam um diálogo interno consigo mesmo, não era apenas um esvaziar-se, era também um enfrentar-se, um exame sobre *si mesmo*.

A expressão *cabeça aberta* foi usada várias vezes, para expressar que viviam a abertura a coisas e tipos diferentes. Vale lembrar que quando iniciamos a sala se dividiu em várias “panelas”, pequenos grupos isolados. Após vários trabalhos em grupo, nas últimas oficinas chegamos até a fazer massagem uns nos outros. Percebemos que ao final do ano, os grupos se dissolveram, não abandonaram suas identidades, mas suas identidades aparentavam se sentir bem em meio à multiplicidade de identidades. Vários relataram ter feitos bons amigos na oficina.

Os alunos também se julgavam mais conscientes acerca de jogos de poder em função de interesses econômicos e políticos existentes na sociedade. Havia uma divisão, entre aqueles que eram esperançosos, para com um processo de transformação, que dependeria de uma participação maior do povo, e aqueles que, acreditavam que não havia possibilidade de mudança manifestando um conformismo diante da *barbárie* que se instalara.

Impossível mesmo mensurar como de fato este processo impactou a vida desses estudantes. O que podemos dizer é que atingimos alguns de nossos objetivos, respeitamos e fomos respeitados, cuidamos e fomos recebidos em corações que também nos receberam e cuidaram de nós. Fomos até elogiados por um aluno sobre a maneira como nós, nos relacionávamos com as pessoas. Acreditamos ter deixado aberta a porta para a investigação do Mistério que habita tudo o que existe.

Experimentamos-nos como pedagogos dentro de um processo educativo, que atende à tudo que nós sonhamos enquanto estávamos na graduação, uma educação que tenha como paradigma os seres humanos, os seres senscientes e o planeta Terra; educação que se organiza de modo a convidar o oprimido e ingênuo a conscientizar-se e agir como co-criador da realidade para que juntos possamos construir um mundo possível, onde seres humanos e toda a Vida possam conviver de modo harmônico e

pacífico, mundo onde nossa busca pela felicidade não impeça ou reduza a possibilidade qualquer outro ser, de também ser feliz.

Ainda é tímida a aparição nos currículos tanto das escolas como das universidades abordagens como a que fizemos no Lente Aberta. Nos perguntamos, aonde começar e como começar a investigar a nós mesmos? As experiências vividas na Universidade através de projetos de extensão apontam uma direção. O Tai-chi-chuan já é disciplina da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, já houve também a disciplina de Yoga. Os projeto de extensão Mover Juntos traz consigo a milenar sabedoria do Yoga, a extensão do Rio Aberto uma vez por mês no Chico Mendes traz uma oportunidade única para o ocidental se afeiçoar com uma prática meditativa em grupo e em movimento que se adequam como uma luva à realidade ocidental. Nas segundas-feiras de noite o Movi-mente com o professor Kapish, sintetiza a Educação Física com a sabedorias do Oriente possibilitando aos seus alunos um mergulho intenso dentro de si e ainda conta com vivências externas na Chapada dos Veadeiros. As disciplinas de Budismo são ofertadas pelo Centro de Estudos Asiáticos compondo um arcabouço teórico muito bem fundamentado para todo aquele que deseja se embrenhar pelas vias de meditação tradicional. A disciplina Artes de Ofícios dos Saberes Tradicionais é uma marco na história da educação brasileira, trazendo para dentro da universidade os mestres de nossa sabedoria ancestral.

Há que se tomar cuidado com o foco que é dado a estas práticas, não basta darmos excessiva atenção à tomada de consciência corporal, por exemplo, uma ginasta pode ter bastante consciência de seu corpo e ainda assim ser incapaz de acessar a experiências holotrópicas. A experiência holotrópica precisa ser incitada em todo o processo educativo, tendo em vista que nós somos também, seres holotrópicos. Deixar para trás isso, seria deixar uma de nossas pernas sem se movimentar. Para tanto além das práticas é necessário também um corpo teórico seguro para nos preparáramos e investigarmos tais práticas, o budismo se coloca como campo seguro, no entanto ainda é muito visto como uma religião ou filosofia por aqueles que não atestaram através da meditação aquilo que vai sendo narrado, descrito e sistematizado pelos que já percorreram o caminho.

Como já disse, é um mar a ser desbravado. Acreditamos com esse trabalho ter engatinhado um pouco em direção a uma educação que busque abarcar cada vez mais o

ser em suas diversas dimensões. Acredito que seja um salto significativo dentro da formação humana a compreensão da dimensão espiritual humana e principalmente da experiência que transcende os dogmas e as elucubrações metafísicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS:

- BOFF, Leonardo. Responder florindo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004
- BARBIER, René. A pesquisa-ação. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação? . São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Educação como Cultura. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Relatório Delors, Brasília: UNESCO, 1996.
- CAPRA, Fritjof. A Teia da Vida: Uma nova concepção científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.
- DALAI, Lama. Uma ética para o Novo Milênio. Rio de Janeiro: Sextante, 2000, 5ª edição.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra. São Paulo: Cortez, 2002.
- GROF, Stanislav; GROF, Christina, A tempestuosa busca do ser – Um guia para o crescimento pessoal através da crise de transformação. São Paulo: Cultrix, 1990.
- _____, Stanislav; BENNET, Halzina. A mente holotrópica: novos conhecimentos sobre psicologia e pesquisa da consciência. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. Stanislav. O jogo cósmico: explorações das fronteiras da consciência humana. São Paulo: Atheneu, 1998.
- _____, Stanislav. Psicologia do futuro: lições das pesquisas modernas da consciência. Rio de Janeiro: Heresis, 2000.
- GOLEMAN, Daniel. A mente meditativa: as diferentes experiências meditativas no oriente e no ocidente. São Paulo: Ática, 1996.
- HART, William: A Arte de Viver Segundo S. N. Goenka. Pariyatti, 2012.
- HUNTINGTON, Samuel P. O Choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- HUXLEY, Aldous. Admirável Mundo Novo. Lisboa: Livros do Brasil, 2008.

- _____, Aldous. A Ilha. Lisboa: Livros do Brasil, 1999
- JAEGER, Werner. Paidéia. A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KRISHNAMURTI, Jiddhu. Educação e o significado da vida. São Paulo: Cultrix. 1969, 2º edição.
- LARAIA, Roque. Cultura : um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1989.
- LOVELOCK, James. Gaia - Um modelo para a dinâmica planetária e celular. São Paulo: Gaia, 1990.
- LOY, David. Money, Sex, War and Karma: Notes for a Buddhist revolution. Boston: Wisdom Publications, 2008.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Uma Teoria Crítica da Cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MCKENNA, Terence. O Alimento dos Deuses. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- MORROW, Rosemary. Permacultura Passo a Passo. Pirenópolis: Mais Calango Editora, 2010.
- MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2007, 3º edição.
- MOSCOVICI, Serge. Sociedade contra a natureza. Petrópolis: Vozes, 1975.
- ROCHA, Everardo. O que é Etnocentrismo? . São Paulo: Brasiliense, 1988, 5º edição.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) Epistemologias do Sul. São Paulo: Editora Cortez. 2010.
- SANTOS NETO, Elydio dos. Por uma educação transpessoal: a ação pedagógica e o pensamento de Stanislav Grof. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- SILVA, Tomás Tadeu. Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- WILBER, Ken. O espectro da consciência. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____, Ken. Espiritualidade integral: uma nova função para a religião neste início de milênio. São Paulo: Aleph, 2006.

ARTIGOS

CANDAU, Vera Maria. O currículo entre o relativismo e o universalismo: Dialoganco com Jean-Claude Forquin. Campinas, 2000. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302000000400006>> Acessado em: 01/04/2013

GROF, Stanislav. Brief History Of Transpersonal Psychology. Califonia, 2008.<<http://www.transpersonalstudies.org/ImagesRepository/ijts/Downloads/Brief%20History%20of%20Transpersonal%20Psychology.pdf>> Acessado em: 01/04/2013

SANTOS, Boaventura de Sousa. O Processo de Globalização. Eurozine, 2002.

Disponível em: <http://www.ri.pucminas.br/site2005/downloads/doc_252.pdf>

Acessado em: 01/04/2013

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural dos direitos humanos. Centro de Estudos Sociais, 1997. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451997000100007&script=sci_arttext>

Acessado em: 01/04/2013